CADERNOS

DE EDUCAÇÃO SOLIDÁRIA

METODOLOGIAS ATIVAS EM

LÍNGUA PORTUGUESA

FUNDAMENTAL 2

VOLUME 7

AIC
associação imagem comunitária

ASSOCIAÇÃO IMAGEM COMUNITÁRIA

CADERNOS
DE EDUCAÇÃO SOLIDÁRIA

METODOLOGIAS ATIVAS EM **LÍNGUA PORTUGUESA**

FUNDAMENTAL 2
VOLUME 7

Belo Horizonte
2020
2ª edição

CONCEPÇÃO DO CONTEÚDO E
ELABORAÇÃO DE TEXTOS
Luciana Mazur
Marcos Celírio

REVISÃO DE CONTEÚDO E
PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS
Priscila Justina

PROJETO GRÁFICO
Mila Barone

DIAGRAMAÇÃO
Priscila Justina

COOPERAÇÃO TÉCNICA
Projeto Tecnologias da Comunicação Educativa – Universidade Federal de Minas Gerais

M593 Metodologias ativas em Língua Portuguesa: fundamental 2. / Associação Imagem Comunitária. – 2. ed. – Belo Horizonte: AIC, 2020.
88 p. – (Cadernos de Educação Solidária; 7)

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-87808-03-1

1. Língua portuguesa – gramática. 2. Linguagem e educação. 3. Comunicação oral. I. Associação Imagem Comunitária. II. Título. III. Série.

CDU: 37
CDD: 469.07

Ficha catalográfica elaborada por Anna Carolina Leite Cota CRB6-2787

SUMÁRIO

1 | INTRODUÇÃO – *pág. 5*

2 | A LINGUAGEM ORAL E SEU ENSINO – *pág. 7*

2.1 | O que é um gênero oral? – *pág. 8*

2.2 | Por que trabalhar com gêneros da oralidade? – *pág. 8*

3 | COMO ORGANIZAR O TRABALHO COM AS PRÁTICAS ORAIS EM SALA DE AULA? – *pág. 9*

4 | QUE TIPO DE TRATAMENTO DEVE SER DADO AO ENSINO DA ORALIDADE? – *pág. 11*

4.1 | Linguagem como expressão do pensamento – *pág. 15*

4.2 | Linguagem como instrumento de comunicação – *pág. 16*

4.3 | Linguagem como processo de interação – *pág. 16*

5 | OS CONHECIMENTOS LINGUÍSTICOS E SEU ENSINO – *pág. 13*

5.1 | Como conduzir o ensino da análise linguística? – *pág. 14*

5.2 | Princípios didáticos para aulas participativas – *pág. 15*

5.3 | Atividades de análise linguística e sua relação com a escrita, a oralidade e a leitura – *pág. 15*

6 | COMO TRABALHAR A GRAMÁTICA DE MANEIRA CONTEXTUALIZADA? – *pág. 17*

7 | REFLEXÕES FINAIS – *pág. 19*

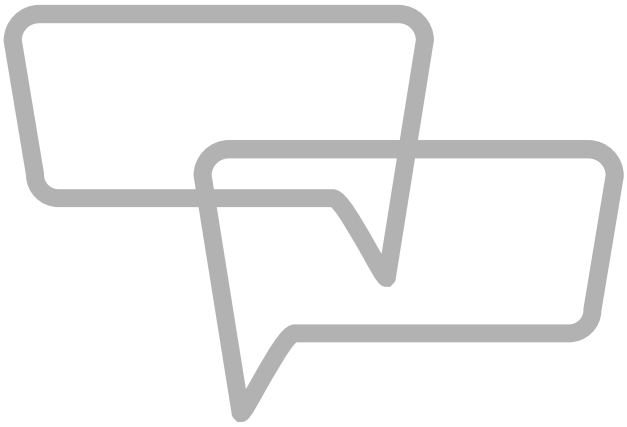
8 | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS – *pág. 20*

9 | SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM – *pág. 21*

9.1 | Montando contos, representando histórias – *pág. 22*

9.2 | A poesia está no ar – *pág. 54*

9.3 | Plantando junto – *pág. 68*

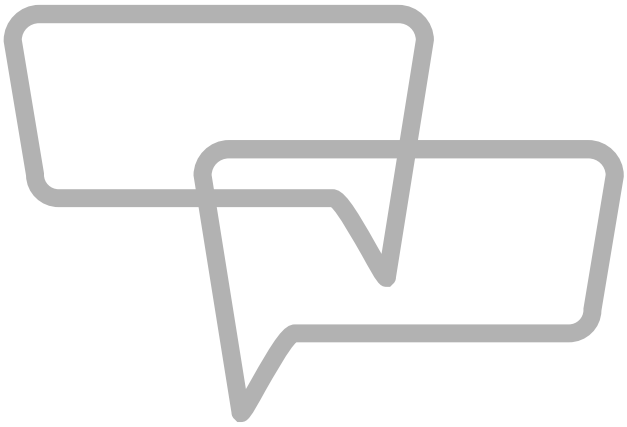


1 | INTRODUÇÃO

Este é o sétimo volume da série de guias didáticos de Língua Portuguesa dos Cadernos de Educação Solidária para professores do ensino fundamental 1 (6º ao 9º anos). Neste módulo, propomos uma retomada das principais reflexões sobre as **práticas de ensino voltadas para a oralidade** e os **conhecimentos linguísticos** no ensino de Língua Portuguesa apresentadas nos dois últimos módulos dos Cadernos de Educação Solidária.

Enfatizamos, mais uma vez, a importância de esses dois eixos temáticos serem explorados numa perspectiva de interação social e em diálogo com o que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e outros documentos de ensino propõem.

E é sempre bom lembrar: o ensino acontece de maneira muito mais satisfatória quando utilizamos recursos didáticos e propostas metodológicas voltados para **práticas reais de interação**. Fazendo isso, podemos mobilizar conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para que demandas complexas da vida cotidiana sejam resolvidas.



2 | A LINGUAGEM ORAL **E SEU ENSINO**

Sabemos que o acesso às habilidades e práticas de leitura e de escrita é uma das preocupações do ensino da língua materna. Contudo, para que se possa fazer o pleno uso social da língua, a interação social não pode ser deixada de lado.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, assim como dominar a língua escrita, dominar a oralidade é também fundamental para a participação social efetiva do indivíduo, já que é por meio da língua falada que o homem também comunica, "expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos."[1] Uma prática comum nas aulas de Língua Portuguesa, porém, quando se trata do ensino da oralidade, é limitar esse ensino a exercícios de leitura em voz alta, individual ou coletivamente. Essa pode ser uma forma reducionista de tratar o tema, por deixar de lado a dimensão comunicativa da linguagem como instrumento de interação social.

A prática discursiva oral é muito peculiar. Favorecer a conscientização linguística dos estudantes sobre essas singularidades pode tornar as principais diferenças entre os meios linguísticos nas mais diversas situações comunicativas mais fáceis de se perceber.

Como apontam os PCN:

> Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações, etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois seria descabido "treinar" o uso mais formal da fala. A aprendizagem de procedimentos eficazes tanto de fala como de escuta, em contextos mais formais, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la.[2]

1 BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Nacionais Curriculares: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. 1998. Disponível em: <bit.ly/pcnfundamental>. Acesso em: 20 out. 2019.p. 15.

2 BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Nacionais Curriculares**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. 1998. Disponível em: <bit.ly/pcnfundamental>. Acesso em: 8 jul. 2019. p. 27.

2.1 | Que é um gênero oral?

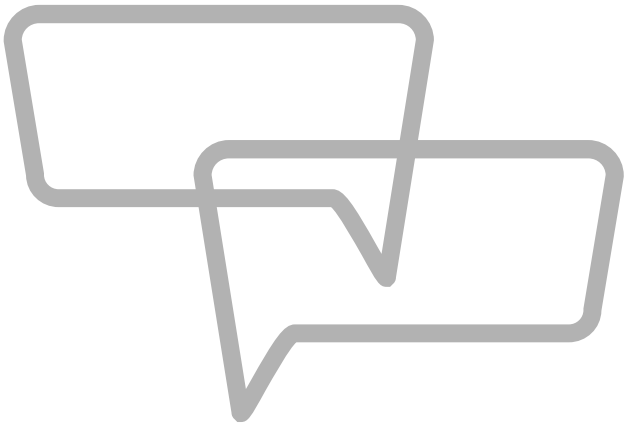
O que define que um gênero é oral é o fato de **ter sido produzido para ser utilizado em práticas que envolvam a voz humana** como suporte. Isso significa que o gênero oral não precisa estar ligado a uma versão escrita para representá-lo, ainda que isso possa ocorrer. Como exemplos, temos: notícia falada, telejornal, peça de teatro, jogral, narração esportiva radiofônica, entrevista, seminário, debate, dentre outros.

2.2 | Por que trabalhar com gêneros da oralidade?

Trazer a oralidade para o ensino das aulas de língua é dar oportunidade **para que os estudantes ampliem suas práticas de comunicação** e **aprimorem sua capacidade de expressão nas mais variadas situações**.

Conforme aponta Schneuwly, o ensino da oralidade deve se pautar no trabalho com gêneros textuais, uma vez que esses permitem ir ao encontro de representações de linguagem reais. Segundo o pesquisador, "saber falar, não importa em que língua, é dominar os gêneros que nela emergiram historicamente, dos mais simples aos mais complexos".[3]

3 DOLZ, J e SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado da Letras,2004. p. 137.



3 | COMO ORGANIZAR O TRABALHO COM AS **PRÁTICAS ORAIS EM SALA DE AULA?**

É importante darmos oportunidade para que aconteçam momentos de reflexão sobre os efeitos de sentido gerados pelas estratégias linguísticas, discursivas e multissemióticas que envolvem o trabalho com os gêneros da oralidade.

Podemos organizar o trabalho com as práticas orais em sala de aula possibilitando que os estudantes compreendam e interpretem várias modalidades textuais do oral. Nessa linha, meios paralinguísticos, tais como qualidade da voz, melodia, respiração e pausas, e meios cinésicos, como atitudes corporais, movimentos, gestos, olhares e expressões faciais podem ganhar destaque. Além disso, aspectos como posição dos locutores no discurso, envolvendo o lugar social que os falantes ocupam, com quem interagem e o que pretendem comunicar são motivo de atenção para que o processo comunicativo seja compreendido.

3.1 | O ensino da língua oral – o que dizem os PCN

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa apontam que:[4]

1 | Não é papel da escola ensinar o aluno a falar: isso é algo que a criança aprende muito antes da idade escolar. Talvez por isso a escola não tenha tomado para si a tarefa de ensinar quaisquer usos e formas da língua oral. Quando o fez, foi de maneira inadequada: tentou corrigir a fala "errada" dos alunos – por não ser

4 Adaptado de BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Nacionais Curriculares*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. 1998. Disponível em: <bit.ly/pcnfundamental>. Acesso em: 20 out. 2019. p. 38-39.

coincidente com a variedade linguística de prestígio social –, com a esperança de evitar que escrevessem errado. Reforçou assim o preconceito contra aqueles que falam diferente da variedade prestigiada.

2 | Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas.

3 | De nada adianta aceitar o aluno como ele é mas não lhe oferecer instrumentos para enfrentar situações em que ele não será aceito se reproduzir as formas de expressão próprias de sua comunidade. É preciso, portanto, ensinar-lhe a utilizar adequadamente a linguagem em instâncias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente. As situações de comunicação diferenciam-se conforme o grau de formalidade que exigem. E isso é algo que depende do assunto tratado, da relação entre os interlocutores e da intenção comunicativa.

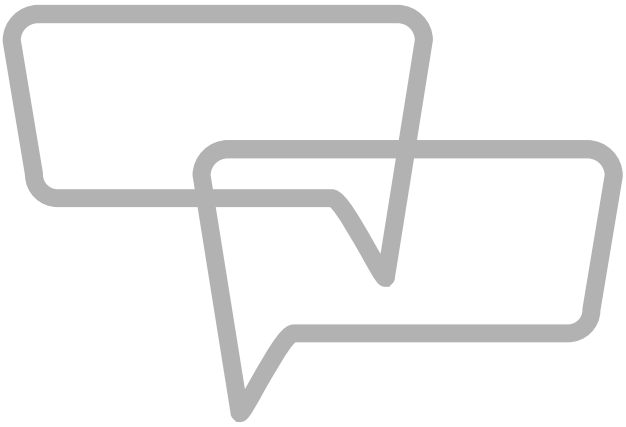
4 | A capacidade de uso da língua oral que as crianças possuem ao ingressar na escola foi adquirida no espaço privado: contextos comunicativos informais, coloquiais, familiares. Ainda que, de certa forma, boa parte dessas situações também tenha lugar no espaço escolar, não se trata de reproduzi-las para ensinar aos alunos o que já sabem. Considerar objeto de ensino escolar a língua que elas já falam requer, portanto, a explicitação do que se deve ensinar e de como fazê-lo.

5 | Eleger a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento da ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua. São essas situações que podem se converter em boas situações de aprendizagem sobre os usos e as formas da língua oral: atividades de produção e interpretação de uma ampla variedade de textos orais, de observação de diferentes usos, de reflexão sobre os recursos que a língua oferece para alcançar diferentes finalidades comunicativas.

6 | Para isso, é necessário diversificar as situações propostas tanto em relação ao tipo de assunto como em relação aos aspectos formais e ao tipo de atividade que demandam – fala, escuta e/ou reflexão sobre a língua. Supõe também um profundo respeito pelas formas de expressão oral trazidas pelos alunos, de suas comunidades, e um grande empenho por ensinar-lhes o exercício da adequação aos contextos comunicativos, diante de diferentes interlocutores, a partir de intenções de natureza diversa.

7 | É fundamental que essa tarefa didática se organize de tal maneira que os alunos transitem das situações mais informais e coloquiais que já dominam ao entrar na escola a outras mais estruturadas e formais, para que possam conhecer seus modos de funcionamento e aprender a utilizá-las. Não basta deixar que as crianças falem; apenas o falar cotidiano e a exposição ao falar alheio não garantem a aprendizagem necessária. É preciso que as atividades de uso e as de reflexão sobre a língua oral estejam contextualizadas em projetos de estudo, quer sejam da área de Língua Portuguesa, quer sejam das demais áreas do conhecimento.

8 | A linguagem tem um importante papel no processo de ensino, pois atravessa todas as áreas do conhecimento, mas o contrário também vale: as atividades relacionadas às diferentes áreas são, por sua vez, fundamentais para a realização de aprendizagens de natureza linguística.



4 | QUE TIPO DE TRATAMENTO **DEVE SER DADO AO ENSINO DA ORALIDADE?**

Retomamos a seguir o que propõe a BNCC quanto às diretrizes que envolvem o ensino da oralidade.[5]

Consideração e reflexão sobre as **condições de produção dos textos orais** que regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana	• Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos orais e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multimodalidade e a multissemiose. • Conhecer e refletir sobre as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram.
Compreensão de textos orais	• Proceder a uma escuta ativa, voltada para questões relativas ao contexto de produção dos textos, para o conteúdo em questão, para a observação de estratégias discursivas e dos recursos linguísticos e multissemióticos mobilizados, bem como dos elementos paralinguísticos e cinésicos.
Produção de textos orais	• Produzir textos pertencentes a gêneros orais diversos, considerando-se aspectos relativos ao planejamento, à produção, ao redesign, à avaliação das práticas realizadas em situações de interação social específicas.

5 Seção baseada em BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base nacional comum curricular*. Brasília (DF), 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em: 12 nov. 2018. p. 79-80.

Compreensão dos **efeitos de sentidos** provocados pelos usos de **recursos linguísticos e multissemióticos** em textos pertencentes a gêneros diversos	• Identificar e analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas de volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização, expressividade, gestualidade etc. e produzir textos levando em conta efeitos possíveis.
Relação entre fala e escrita	• Estabelecer relação entre fala e escrita, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam em diferentes gêneros e práticas de linguagem (como jornal de TV, programa de rádio, apresentação de seminário, mensagem instantânea etc.), as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar o escrito e os aspectos sociodiscursivos, composicionais e linguísticos de cada modalidade sempre relacionados com os gêneros em questão. • Oralizar o texto escrito, considerando-se as situações sociais em que tal tipo de atividade acontece, seus elementos paralinguísticos e cinésicos, dentre outros. • Refletir sobre as variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto.

Em diálogo com o que propõe a BNCC, os PCN de Língua Portuguesa nos indicam que o trabalho com a produção oral pode ocorrer em circunstâncias diversificadas. Veja exemplos de projetos possíveis:

- ✓ atividades em grupo que demandem: planejamento e realização de pesquisas, definição de temas, tomada de decisões, divisão de tarefas, apresentação de resultados;
- ✓ atividades de resolução de problemas que envolvam: estimativa de resultados, verbalização, comparação e confronto de procedimentos empregados;
- ✓ atividades de produção oral que explorem: planejamento de textos, elaboração textual, análise de textos; e
- ✓ atividades diversificadas que envolvam: exposição oral sobre temas estudados, descrição, narração de acontecimentos e fatos.

Destacamos que o trabalho com essas atividades deve acontecer de maneira significativa, seja na forma de seminários, de dramatização de textos teatrais e até por meio da simulação de programas de rádio ou televisão, dentre outras formas, como indica a BNCC:

> O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, *spot* de campanha, *jingle*, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, *playlist* comentada de músicas, *vlog* de game, contação de histórias, diferentes tipos de *podcasts* e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação.[6]

O importante é que os alunos possam atribuir sentido e função ao trabalho que desenvolverem. Além disso, é fundamental que atividades envolvendo a linguagem oral sejam oportunidades de interação em sala de aula, precisando, portanto, ser planejadas tendo como base situações reais de comunicação.

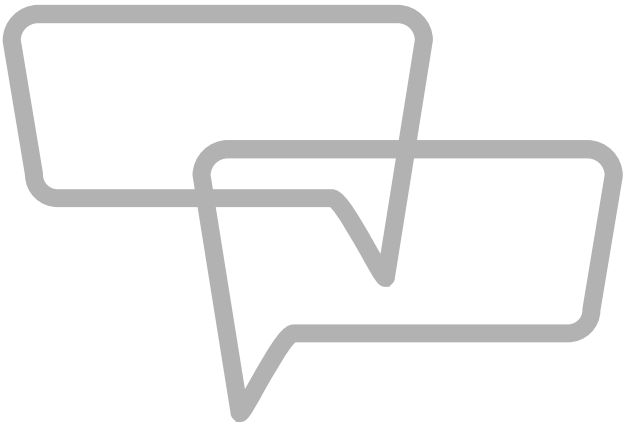
O fato de propiciarmos o contato dos alunos com diferentes gêneros orais permite-lhes, diante de necessidades que surgirem, ter possibilidades de optar por quais gêneros serão utilizados em sua comunicação cotidiana, de acordo com as mais variadas situações. Lembramos que a oralidade não é um conteúdo ou disciplina a serem trabalhados, mas um eixo que perpassa todas as disciplinas do contexto escolar, articulando-se, inclusive, com a modalidade escrita.

Sendo assim, oferecer diversidade de

> [...] estratégias para o desenvolvimento da oralidade certamente possibilitará que os alunos tenham a chance de desenvolver sua competência linguística, o que poderá lhes permitir alcançarem lugares mais prestigiados na sociedade. Negar esse direito ao desenvolvimento da oralidade é calar o aluno e não lhe permitir as mais significantes experiências dessa modalidade linguística que a escola tem o potencial de oferecer.[7]

6 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base nacional comum curricular*. Brasília (DF), 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em: 12 nov. 2018. p. 78-79 .

7 FREITAS, Sara Helena da Costa *et al*. Desafios no ensino da oralidade. *Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica*, Recife, v. 2, n. 1, p. 197-215, 2016. p. 213-214.



5 | O ENSINO DE **CONHECIMENTOS LINGUÍSTICOS**

No sexto volume da série de guias didáticos que integram nosso percurso formativo para o ensino da Língua Portuguesa, enfatizamos que o trabalho com a análise linguística deve possibilitar o desenvolvimento da reflexão, da análise e do pensamento sobre os fatos e fenômenos da linguagem.

Observamos que, apesar de haver um certo desconforto por parte de muitos professores quando se trata de trabalhar a gramática da língua, esse ensino é elemento integrante dos currículos de Língua Portuguesa e deve ampliar a capacidade de compreensão e expressão dos alunos nas mais diversificadas situações de comunicação, orais ou escritas. Dessa forma, é necessário que nós, como professores de língua materna, possibilitemos que nossos alunos conheçam os sistemas presentes na organização de nossa língua, para que se tornem sujeitos atuantes e conscientes de seu sistema linguístico nas mais diferentes situações comunicativas.

Sendo assim, esse ensino precisa ocorrer de forma contextualizada e articulada com o uso social da língua, tal como proposto nos principais documentos de ensino que norteiam a estrutura curricular do componente Língua Portuguesa.

Ao cumprir a tarefa de ensinar a língua para os falantes nativos, devemos ter claros quais são nossos objetivos. Assim, um fator direcionador para as práticas que pretendemos desenvolver em nossas aulas é buscar ter clareza quanto a questões como:

- Para que eu ensino a língua materna?
- Por que devo ensinar língua materna para quem já é falante nativo?
- Como posso fazer com que esse ensino facilite o aprendizado permanente dos meus alunos?

Essas questões podem nos ajudar a reforçar algumas das razões por que ensinamos a língua:

- para possibilitarmos o desenvolvimento da competência comunicativa de nossos alunos;
- para que nossos alunos dominem a norma culta e a variedade escrita da língua, além das variedades orais e coloquiais de seu meio de origem;
- para que nossos alunos sejam capazes de refletir sobre a língua que falam, percebendo-a como instituição linguística e social que lhes permite se colocarem no mundo.

Além de termos essa clareza quanto a razões e objetivos de ensinarmos a língua materna, é essencial que tenhamos bem definida a concepção de linguagem como:

- expressão de pensamento;

- instrumento de comunicação;

5.1 | Como conduzir o ensino da análise linguística?

Sabemos que é possível recorrer a diferentes estratégias para o ensino dos tópicos gramaticais da língua, conforme cada objetivo e etapa de ensino.

A perspectiva prescritiva de ensino nos remete ao trabalho com a gramática normativa, tendo, portanto, como referência a variedade culta escrita da língua. Nessa linha, atividades que priorizem a correção gramatical a fim de que o aluno domine a norma culta são o objeto de interesse.

Já a perspectiva descritiva tem como objetivo trabalhar o funcionamento da linguagem, por meio de atividades que explorem a estrutura, o funcionamento e as relações entre forma e função dos elementos que organizam a língua. Nessa linha, o trabalho com as variedades linguísticas ganha espaço e não somente a norma culta é objeto de estudo, como ocorre na perspectiva prescritiva.

Há também possibilidade de recorrermos à perspectiva de ensino produtivo, com a intenção de explorar a competência comunicativa e de promover reflexões sobre os diferentes usos da língua, em decorrência de contextos comunicativos diversificados.

Reiteramos que todas essas formas de abordagem podem ser exploradas em nossas aulas, desde que haja clareza dos objetivos que pretendemos para as atividades a serem desenvolvidas. O importante é que o ensino da gramática, como aponta Costa Val, propicie aos usuários da língua a interação com sucesso nas mais diversas práticas sociais de linguagem em que se inserirem, de forma que saibam usar adequadamente as variantes da língua, conforme as circunstâncias de uso.[8]

5.2 | Princípios didáticos para aulas participativas

Uma das formas de desenvolver o trabalho reflexivo com a língua é adotar uma postura sociointeracionista em que o ensino ocorrerá através da "interação por meio dos gêneros textuais materializados em textos que cumprem finalidades diversas na sociedade".[9] Isso implica trabalhar questões envolvendo a gramática da língua associadas a contextos e textos bem delimitados.

Leal e Suassuna (p. 166-167) apontam alguns princípios didáticos que permitem conduzir aulas de modo participativo, segundo pressupostos interacionistas:

1 | ensino reflexivo: em que se estimulam os alunos a refletirem sobre os conhecimentos linguísticos;

2 | ensino pautado na problematização: em que se desafiam os alunos a resolverem problemas diversos, de forma motivadora;

3 | ensino centrado na interação em pares: em que situações de aprendizagem se deem por meio da interação em grandes grupos, em pequenos grupos ou em duplas;

4 | ensino centrado na explicitação verbal: em que os alunos sejam estimulados a falar sobre o que pensam, a responder perguntas e a explicitar o que estão entendendo;

5 | favorecimento da argumentação: em que os alunos sejam estimulados a expor e justificar suas opiniões, com explicitação de diferentes possibilidades de pensar sobre os conhecimentos;

6 | sistematização dos saberes: em que momentos de síntese possam ocorrer, seja por meio de exposições breves, seja por meio de registro coletivo das aprendizagens realizadas;

8 COSTA VAL, Maria da Graça. A gramática do texto, no texto. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 107-133, jul.-dez. 2002. p. 111.

9 LIMA, Juliana de Melo; LEAL, Telma Ferraz. Didática da língua em uma perspectiva sociointeracionista: aproximações entre o discurso dos teóricos e os depoimentos das crianças. In: LEAL, Telma Ferraz; SUASSUNA, Lívia (Org.). *Ensino de Língua Portuguesa na educação básica*: reflexões sobre o currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 145.

7 | valorização dos conhecimentos dos alunos: em que os alunos sejam estimulados a exporem seus conhecimentos por meio de atividades que explorem os conteúdos ensinados;

8 | diversificação de estratégias didáticas: em que vários tipos de atividades possam contemplar um determinado conteúdo;

9 | ensino centrado na progressão: em que um mesmo conteúdo seja contemplado por meio de diferentes atividades aumentando-se seu grau de dificuldade.

5.3 | Atividades de análise linguística e sua relação com a escrita, a oralidade e a leitura

Parafraseando o que apontam os PCN de Língua Portuguesa, afirmamos que **as atividades de análise linguística não são uma invenção da escola**:

> Por exemplo, quando alguém, no meio de uma conversa, pergunta "O que você quis dizer com isso?", está realizando uma atividade epilinguística. Quando planejadas didaticamente, situações desse tipo podem constituir uma importante fonte de questionamento, análise e organização de informações sobre a língua e, no processo de ensino, devem anteceder as práticas de reflexão metalinguística, para que essas possam ter algum significado para os alunos.[10]

Sobre atividades epilinguísticas e metalinguísticas

As atividades que envolvem análise linguística podem ser classificadas em epilinguísticas e metalinguísticas. Em ambas ocorrem situações de reflexão sobre a língua, mas o que as diferencia é que, nas atividades epilinguísticas, a reflexão está voltada para o uso, no próprio interior da atividade linguística em que se realiza. Um exemplo é quando um interlocutor pergunta a outro, em uma situação de conversa, algo como: "O que você quer dizer com essa palavra? Não acha que ficaria melhor se trocasse por outra?

Esse tipo de reflexão pode ser abordado no ensino de língua quando planejamos situações didáticas que permitam explorar recursos expressivos utilizados pelo produtor /autor de textos, seja com relação a aspectos gramaticais, seja com relação a outros aspectos envolvidos na elaboração dos discursos. O objetivo não é categorizar, classificar ou fazer levantamento de regularidades sobre essas questões, e sim, de refletir sobre o processo discursivo.

Já as atividades metalinguísticas relacionam-se a um tipo de análise voltada para a descrição, em que ocorrerá a categorização e a sistematização dos elementos linguísticos. São atividades que permitem falar sobre a língua e possibilitam ao aluno levantar regularidades de aspectos, sistematizar e classificar suas características específicas.

Um exemplo é quando ensinamos as regras de acentuação e precisamos recorrer a certas categorias como tonicidade das palavras e número de sílabas. Por meio de uma metalinguagem específica que favoreça o levantamento de regularidades, podemos chegar à elaboração de regras que nos permitem acentuar as palavras.

10 BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Nacionais Curriculares*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. 1998. Disponível em: <bit.ly/pcnfundamental>. Acesso em: 20 out. 2019. p. 38-39.

Prática de análise linguística x escrita de textos, oralidade e leitura: o que pode ser desenvolvido?

Quando se trata da relação entre a prática de análise e reflexão sobre a língua e a escrita de textos, ela deve permitir

> [...] que se explicitem saberes implícitos dos alunos, abrindo espaço para sua reelaboração. Ela implica uma atividade permanente de formulação e verificação de hipóteses sobre o funcionamento da linguagem que se realiza por meio da comparação de expressões, da experimentação de novos modos de escrever, da atribuição de novos sentidos a formas linguísticas já utilizadas, da observação de regularidades (no que se refere tanto ao sistema de escrita quanto aos aspectos ortográficos ou gramaticais) e da exploração de diferentes possibilidades de transformação dos textos (supressões, ampliações, substituições, alterações de ordem, etc.).[11]

Em se tratando da produção oral, os PCN esclarecem que deve ocorrer

> [...] uma prática de explicitação do que os alunos sabem utilizar – mas não têm consciência de que o fazem e por que –, ou seja, um trabalho focado sobre aspectos da linguagem que, se compreendidos, podem contribuir para o desenvolvimento da capacidade de produzir textos orais mais eficazes: a comparação, por exemplo, entre formas de falar utilizadas em variadas situações, com o objetivo de que o aluno se aproprie progressivamente dos diferentes registros. Em se tratando da língua oral, valer-se da diversidade linguística é um recurso fundamental, pois aquilo que não é facilmente observável pode evidenciar-se pelo contraste.[12]

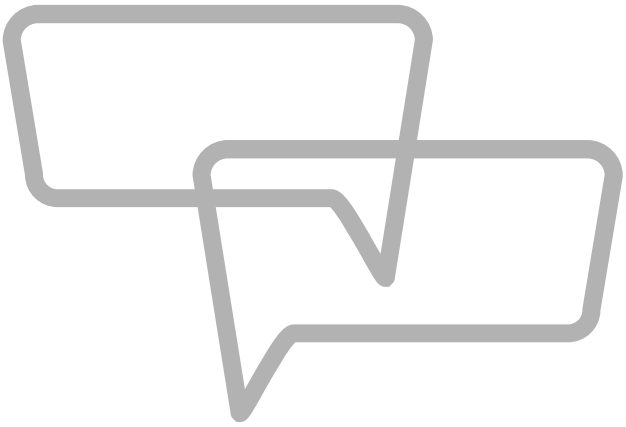
E, no que se refere às atividades de leitura

> [...] o trabalho de reflexão sobre a língua é importante por possibilitar a discussão sobre diferentes sentidos atribuídos aos textos e sobre os elementos discursivos que validam ou não essas atribuições de sentido. Propicia ainda a construção de um repertório de recursos linguísticos a ser utilizado na produção de textos. Uma prática fundamental de análise e reflexão sobre a língua, que tem relação com a produção oral e com a prática de leitura, é a recepção ativa: prática que, cada vez mais, torna-se uma necessidade, especialmente no que diz respeito aos textos veiculados pelos meios de comunicação de massa. Nesse caso, possibilita o reconhecimento do tipo de linguagem característica, a interpretação crítica das mensagens ou a identificação do papel complementar de elementos não-linguísticos, como a imagem e a trilha sonora, para conferir sentido às mensagens veiculadas. A compreensão crítica é algo que depende do exercício de recepção ativa: a capacidade de, mais do que ouvir/ler com atenção, trabalhar mentalmente com o que se ouve ou se lê. Trata-se de uma atividade de produção de sentido que pressupõe analisar e relacionar enunciados, fazer deduções e produzir sínteses: uma atividade privilegiada de reflexão sobre a língua. É possível estabelecer, por meio da recepção ativa, a relação de elementos não-linguísticos com a fala, identificar aspectos possivelmente relevantes aos propósitos e intenções de quem produz o texto ou inferir a intencionalidade implícita. Um recurso didático particularmente interessante, no caso do texto oral, é a gravação em áudio ou vídeo – de uma exposição oral, ao vivo, como por meio do rádio ou da televisão, de um debate, um pronunciamento, uma entrevista, etc. –, pois permite observar com atenção coisas que não seriam possíveis apenas a partir da escuta direta e voltar sobre elas, seja da fala do outro ou da própria fala.[13]

11 BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Nacionais Curriculares: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. 1998. Disponível em: <bit.ly/pcnfundamental>. Acesso em: 20 out. 2019. p. 53.

12 p. 53-54.

13 p. 54.



6 | TRABALHANDO A **GRAMÁTICA DE MANEIRA CONTEXTUALIZADA**

Um dos grandes desafios que a BNCC aponta, em concordância com o que propõem os PCN, é que o ensino da gramática da língua aconteça a partir de textos contextualizados.

Sabemos que esse direcionamento vai contra um modelo de ensino que ainda se faz presente em muitas das aulas de Língua Portuguesa, no qual o uso de longas listas de exercícios e explicações sobre regras gramaticais ocupa todo o tempo, deixando situações reais de comunicação fora das reflexões com a turma.

Segundo a professora Maria José da Nóbrega, assessora dos planos de aula da *Revista Nova Escola*,[14] existem alguns cuidados que, se seguidos, podem garantir a qualidade das aulas com foco na gramática contextualizada. Veja as dicas a seguir.

1 # Definir bem a finalidade da aula: eleja, de preferência, um único aspecto como objeto do trabalho com textos. Assim, é importante ter clareza de qual habilidade de análise linguística se pretende trabalhar.

2 # Preparar os textos antes da aula: defina qual(is) texto(s) irá usar como base para a atividade, tendo sempre em mente a finalidade que pretende atingir.

3 # Selecionar textos que não sejam "escolarizados": use textos que foram feitos para alguém ler no cotidiano, como os publicados em jornais, revistas, panfletos, enfim, que tenham um uso efetivo na comunicação diária.

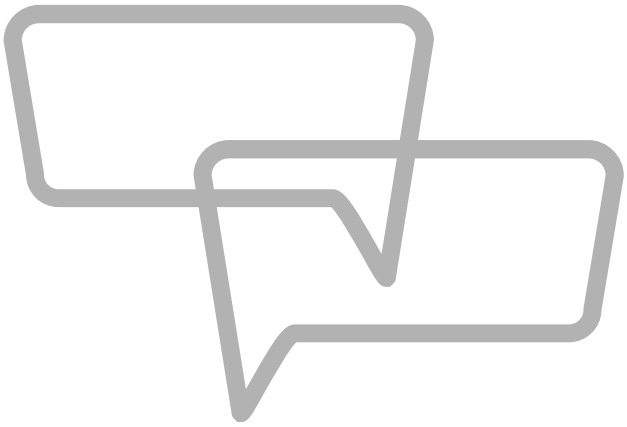
4 # Antecipar possíveis dificuldades dos alunos: tente pensar nos elementos mais desafiadores para os estudantes, em quais dificuldades podem ter, e planeje intervenções que possam suprir as lacunas possíveis.

5 # Sistematizar e exercitar: prepare atividades de sistematização de aspectos gramaticais e as divida em três momentos (que podem ser três aulas): a *descoberta da regularidade* – momento em que os alunos percebem os conteúdos linguísticos em estudo, analisam e observam –, a *exercitação* – momento em que a turma trabalha os conteúdos linguísticos em produções textuais simplificadas – e a *sistematização* – momento em que a turma faz atividades de produção de textos mais complexas ou de revisão.

14 SOARES, Wellington. Desvendando o ensino de gramática com textos. *Nova Escola*, 21 jul. 2018. Disponível em: <http://bit.ly/33SR5Wn>. Acesso em: 20 out. 2019.

Professor(a), durante a descoberta das regularidades, promova atividades em que os alunos possam perceber as regularidades usadas pelos autores na estrutura textual.

Estimule também o trabalho em grupo, possibilitando que os estudantes argumentem com os colegas sobre aspectos abordados nas atividades. Crie oportunidades para discussões com toda a turma. Apresente desafios e deixe que os alunos proponham alternativas para solucioná-los.



7 | REFLEXÕES **FINAIS**

Sabemos que a essência da gramática que aprendemos no dia a dia como falantes nativos da língua nos serve para uma comunicação mínima em sociedade. Entretanto, não podemos negar que o aprendizado de certas convenções consideradas “padrão” é uma forma de tornar acessível aos alunos a habilidade de circular nas mais diversas situações comunicativas em que eles estiverem inseridos, seja na escola ou em quaisquer situações de sua vivência no meio social.[15]

Esse ensino da gramática, porém, não precisa se pautar no uso da "regra pela regra", a partir de frases soltas e que não têm a ver com a vivência dos alunos.

Além disso, textos não devem ser simples pretextos para que deles sejam retiradas palavras ou frases a fim de atender a um ensino normativo e classificatório. O ensino mais sistematizado da gramática deve ser visto em uso e para o uso, tendo em vista sua funcionalidade em situações reais de comunicação.

Assim, para que os alunos sejam capazes de ler e escrever na língua padrão, práticas significativas de linguagem devem ser trazidas para o ambiente de sala de aula de língua materna.

15 SOARES, Magda. *Linguagem e escola*: uma perspectiva social. 5. ed. São Paulo: Ática, 1988.

8 | REFERÊNCIAS **BIBLIOGRÁFICAS**

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Nacionais Curriculares**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. 1998. Disponível em: <bit.ly/pcnfundamental>. Acesso em: 20 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Executiva. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação. Conselho Nacional de Secretários de Educação – CONSED. União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação – UNDIME. **Base nacional comum curricular**. Brasília (DF): MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 20 out. 2019.

COSTA VAL, Maria da Graça. A gramática do texto, no texto. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 107-133, jul.-dez. 2002.

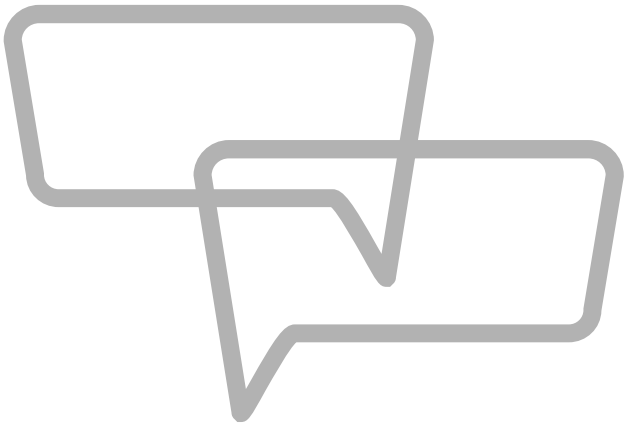
DOLZ, J e SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado da Letras,2004. p. 137.

FREITAS, Sara Helena da Costa et al. Desafios no ensino da oralidade. **Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**, Recife, v. 2, n. 1, p. 197-215, 2016. p. 213-214.

LIMA, Juliana de Melo; LEAL, Telma Ferraz. Didática da língua em uma perspectiva sociointeracionista: aproximações entre o discurso dos teóricos e os depoimentos das crianças. In: LEAL, Telma Ferraz; SUASSUNA, Lívia (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa na educação básica**: reflexões sobre o currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 5. ed. São Paulo: Ática, 1988.

SOARES, Wellington. Desvendando o ensino de gramática com textos. **Nova Escola**, 21 jul. 2018. Disponível em: <http://bit.ly/33SR5Wn>. Acesso em: 20 out. 2019.



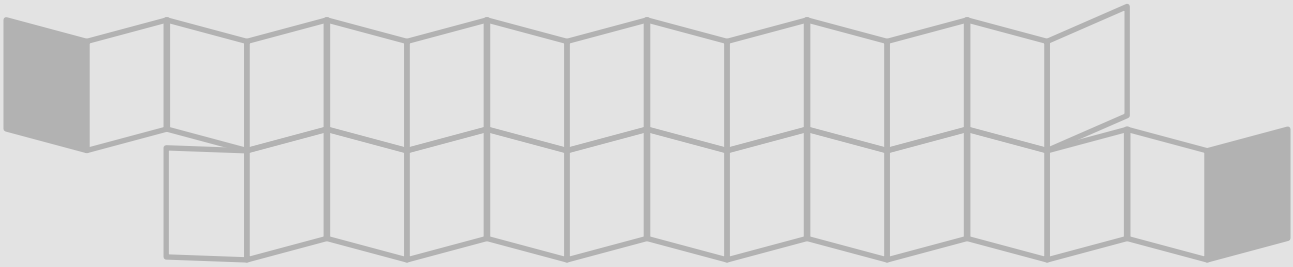
9 | SITUAÇÕES DE **APRENDIZAGEM**

Professor(a), as situações de aprendizagem que veremos a seguir são divididas da seguinte forma:

1 | TEXTO PRINCIPAL DA SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM
Aqui apresentamos a proposta da atividade e de que forma ela pode se dividir em aulas.

2 | MATERIAL PARA O PROFESSOR
Aqui você encontrará um conteúdo de apoio para guiá-lo(a) na aplicação das aulas. As páginas destinadas a fotocópias ou projeção estão sinalizadas com uma barra cinza vertical no centro. Utilize essas páginas para compartilhar o material com a turma.

3 | MATERIAL PARA O ALUNO
Esse conteúdo de apoio é inteiramente destinado a fotocópias para compartilhamento com a turma.



9.1 | SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1 | **MONTANDO CONTOS, REPRESENTANDO HISTÓRIAS**

Nesta situação de aprendizagem, propomos um jogo de leitura de contos e a elaboração de uma apresentação teatral com os diferentes textos.

OBJETIVOS GERAIS

- Participar de um jogo de leitura;
- retextualizar os contos lidos, transformando-os em apresentações teatrais.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Ler diferentes contos;
- ordenar as sequências narrativas de um conto;
- desenvolver habilidades de escrita de roteiros teatrais;
- desenvolver habilidades de representação teatral.

COMPETÊNCIAS A SEREM DESENVOLVIDAS (BNCC, 2017)

- Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

- Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.
- Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
- Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
- Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
- Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

- (EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música, etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, vlogs e podcasts culturais (literatura, cinema, teatro, música), playlists comentadas, fanfics, fanzines, e-zines, fanvídeos, fanclipes, posts em fanpages, trailer honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.
- (EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.
- (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.
- (EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento, etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero, utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo

cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos, etc.

- (EF69LP52) Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação.

TEMPO

- 3 aulas.

Professor(a), dependendo do envolvimento da turma e das suas orientações para a realização da última tarefa, essa situação de aprendizagem pode demandar mais tempo.

AÇÕES

1 | Participação em jogo de leitura.

2 | Produção de roteiros teatrais.

3 | Apresentação teatral.

RECURSOS DIDÁTICOS

Para a ação 1 | Cópias dos textos devidamente recortados, conforme disponibilizados no Material para o Professor.

Para a ação 2 | Cópias dos textos disponibilizados no Material para o Aluno.

CONHECENDO A ATIVIDADE

Esta atividade propõe a participação em um jogo leitura e a retextualização de contos em apresentação teatral.

AULAS 1 E 2
MONTANDO CONTOS

Nestas aulas, participaremos de um jogo cujo objetivo é descobrir a ordem correta das partes de um conto.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

A sala será organizada de forma que os alunos possam trabalhar em grupos de quatro ou cinco integrantes.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Leia atentamente as orientações e regras do jogo "Montando contos".
- ✓ Reproduza e recorte para os alunos os materiais do jogo.
- ✓ Explique para alguns profissionais da escola como será a dinâmica do jogo.

Professor(a), para a realização do jogo, é muito importante que você escolha alguns profissionais da escola que poderão auxiliá-lo(a). Durante a partida, os alunos deverão procurar partes dos textos que estarão dispostas em diferentes locais (sala dos professores, secretaria, biblioteca e cantina). É importante deixar claro que os alunos não precisarão entrar nesses locais; os envelopes de cada grupo podem estar com uma pessoa do setor ou mesmo poderão ser afixados nas portas.

DURANTE A AULA

- ✓ Explique aos alunos que eles participarão de um jogo chamado "Montando contos". Leia com eles as regras da brincadeira.
- ✓ Convide a turma para o jogo.
- ✓ Ao final da aula, apresente à turma a seguinte proposta de produção:

Hoje nós participamos de um jogo e conhecemos histórias diferentes. Todos vocês foram desafiados a descobrir a ordem das sequências de um texto narrativo do gênero conto. Agora, vocês serão novamente desafiados. Como cada grupo leu um conto diferente, seu desafio será tornar conhecida a história que você leu. Mas calma lá... Vocês não poderão apenas ler ou contar a história para os colegas. Vocês deverão transformar o conto lido em um... **TEATRO**!

Sim, seu desafio será transformar o texto do conto em um roteiro de teatro, ensaiar e fazer uma apresentação para a turma.

Os teatros serão apresentados no dia _____ / _____ / _____ .

Preparem-se para arrasar e também para presenciar os espetáculos que serão apresentados pelos outros grupos.

Professor(a), você poderá utilizar uma ou mais aulas para que os alunos façam a escrita do roteiro das apresentações ou então poderá propor essa tarefa como trabalho extraclasse.

Oriente os alunos quanto à importância da caracterização de personagens, uso de figurino, maquiagem e de outros recursos audiovisuais.

AULA 3
HOJE É DIA DE ESPETÁCULO!

Nestas aulas, assistiremos às apresentações dos alunos.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

O local onde serão realizadas as apresentações deverá ser organizado de modo que elas sejam visíveis a todos os presentes.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- Leia atentamente as propostas orientadoras desta situação de aprendizagem.
- Providencie os equipamentos que serão utilizados para as apresentações teatrais.
- Prepare previamente o ambiente para o momento das apresentações.

DURANTE A AULA

- Combine com a turma a ordem de apresentação das peças.
- Oriente a turma que respeite as produções dos colegas e que mantenha o silêncio durante as apresentações.
- Convoque os grupos para as apresentações.
- Após cada apresentação, faça um breve comentário, avaliando o trabalho realizado. Lembre-se de valorizar os pontos positivos. Permita também que os demais estudantes façam comentários sobre os trabalhos dos colegas.
- Convide pelo menos um representante de cada grupo para falar sobre a experiência de conhecer um conto por meio de um jogo e de transformá-lo em peça teatral.

AVALIAÇÃO

Para avaliar a realização desta situação de aprendizagem, observe:

- Os estudantes se envolveram durante o desenvolvimento das atividades?
- As atividades motivaram e desafiaram os estudantes?
- Os alunos conseguiram ordenar corretamente os contos?

Em relação às **apresentações teatrais**, observe se os alunos:

- compreenderam e seguiram a proposta;
- utilizaram o conto proposto como base para a peça teatral;

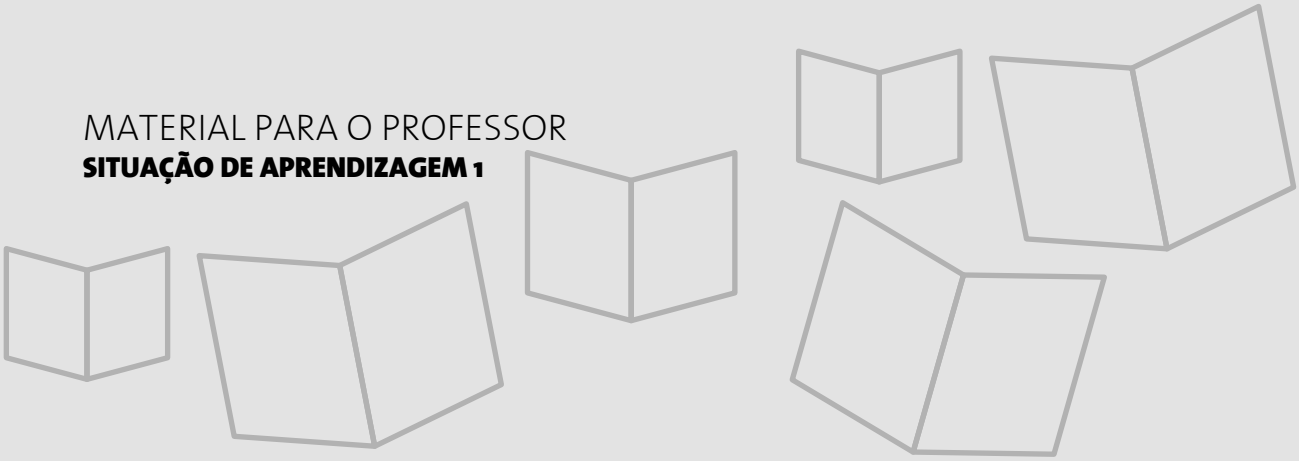
- ✓ demonstraram ter planejado e escrito o roteiro da peça;
- ✓ caracterizaram adequadamente os personagens;
- ✓ utilizaram diferentes recursos para adequação de personagens (figurino, maquiagem e formas de se expressar, como: timbre, tom de voz, dialeto, sotaque, etc.);
- ✓ mantiveram um volume de voz audível e adequado para o gênero;
- ✓ utilizaram recursos audiovisuais e/ou músicas;
- ✓ exploraram o espaço cênico;
- ✓ souberam respeitar a apresentação dos colegas.

Para analisar essas e outras questões, professor(a), é interessante ter sempre em mãos uma pauta de observações com espaço para anotações e comentários.

Identifique os estudantes que possuem mais dificuldades e os aspectos sensíveis na sua aprendizagem, de modo a poder orientá-los de forma mais personalizada e trazendo propostas direcionadas ao desenvolvimento desses aspectos para a turma. Aponte também quais são os estudantes que apresentam facilidade no conteúdo e que poderiam contribuir com os colegas. Propor atividades de colaboração entre pares é uma excelente estratégia para fomentar a aprendizagem.

Lembre-se de registrar as ações e de inserir os registros no portfólio da turma.

MATERIAL PARA O PROFESSOR
SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1



AULAS 1 E 2
MONTANDO CONTOS

ORIENTAÇÕES PARA O JOGO | **MONTANDO CONTOS**

Neste jogo, os alunos terão como objetivo ordenar as sequências de uma narrativa. Disponibilizamos neste caderno sete contos devidamente divididos em cinco partes. Dessa forma, a turma poderá ser organizada em **até sete grupos**. Cada grupo será nomeado por uma cor (sugerimos: amarelo, azul, laranja, rosa, roxo, verde e vermelho).

ANTES DA AULA

- ✓ Reproduza e recorte um texto para cada grupo. Faça cinco envelopes coloridos para cada grupo ou **imprima os textos em papéis coloridos**, de acordo com a cor de cada equipe.
- ✓ Os textos foram divididos em cinco partes, que deverão ser recortadas e afixadas em diferentes locais da escola (os trechos poderão ser afixados na porta ou entregues a um funcionário que entregará para cada representante do grupo o envelope ou o trecho destinado àquele determinado grupo).
- ✓ Após reproduzir e recortar os trechos de cada grupo, reserve com você o **título** e o **trecho 3** de cada grupo. Distribua as outras partes da seguinte forma:
  - O trecho 1 de cada grupo deverá ficar na **secretaria**.
  - O trecho 2 de cada grupo deverá ficar na **cantina ou refeitório**.
  - O trecho 4 de cada grupo deverá ficar na **biblioteca**.
  - O trecho 5 de cada grupo deverá ficar na **sala dos professores**.

⇨ *Professor(a), nos quadros para recorte, mais adiante, a ordem dos trechos é sempre 3, 1, 5, 2 e 4. O pedaço que deverá ficar com você ao início do jogo está sinalizado. Observe também que cada conto possui uma margem diferente. Utilize essa diferença para facilitar sua organização e impressão.*

DURANTE A AULA

- ✓ Organize a turma em até sete grupos (cada grupo deverá ter no mínimo quatro integrantes).
- ✓ Cole no quadro os títulos dos textos (todos os títulos deverão ser impressos em papel branco).
- ✓ Após explicar as regras do jogo, entregue para cada grupo o **trecho 3**. Oriente os alunos a lerem e a desvendarem o enigma que está escrito na parte inferior do papel. Esse enigma

os levará a alguma parte da escola onde eles encontrarão mais uma parte do conto. Se houver necessidade, dê um exemplo para a turma:

- Se vocês acharem que a solução do enigma está na quadra, vão até à quadra e procurem onde está o envelope ou o papel da cor do grupo de vocês. Se não acharem na quadra, é porque a solução do enigma não está lá.
- Combine com os alunos a melhor forma de fazer a procura das partes do texto, de acordo com o perfil da turma. Cada grupo pode enviar um representante ou ainda todos podem sair da sala para fazer essa busca pela escola.
- Após encontrar todas as partes do texto, o grupo deverá lê-las novamente e colocá-las em ordem (explique que os números que estão em cada trecho não correspondem à ordem exata do texto. Por exemplo, o trecho com o número 1 pode não corresponder à primeira parte do conto). O grupo também deverá localizar e retirar do quadro o título do conto lido.
- Explique que ganhará o jogo a equipe que primeiro conseguir ordenar o texto corretamente.
- Mesmo que um grupo tenha anunciado que terminou, oriente os demais a continuarem a realizar a tarefa, pois pode ser que a ordem proposta não esteja correta.

REGRAS DO JOGO | **MONTANDO CONTOS**

- O jogo "Montando contos" pode ser jogado por até cinco jogadores.
- Objetivo: ordenar as sequências narrativas de um texto.
- Organização: em grupos.
- Cada grupo será nomeado por uma cor e utilizará essa cor durante toda a brincadeira.

Repasse à turma:

- *Seu grupo irá receber um pedaço de um conto. Leia-o e desvende o enigma que está no final da página.*
- *A solução do enigma é algum lugar da escola. O grupo deverá escolher um integrante para ir até esse local e procurar o próximo trecho. Atenção: cada grupo deverá pegar somente o trecho da sua cor. O grupo que tentar atrapalhar outra equipe será eliminado do jogo.*
- *Após localizar o segundo trecho, leia-o e desvende o enigma. Em seguida, o grupo deverá escolher outro integrante, que irá procurar a próxima parte do conto.*
- *Repita esse procedimento até que o grupo tenha recolhido os cinco trechos do conto.*
- *Após localizarem todos os trechos, leia-os e descubra a ordem correta para que a história faça sentido.*
- *Na sequência, vá até o quadro, leia os títulos de textos e escolha aquele que você considera mais adequado para o texto lido.*
- *Vence o jogo a equipe que primeiro ordenar o conto de forma correta.*

CONTOS UTILIZADOS NO JOGO

OS TURISTAS SECRETOS | *Moacyr Scliar*

Havia um casal que tinha uma inveja terrível dos amigos turistas – especialmente dos que faziam turismo no exterior. Ele, pequeno funcionário de uma grande firma, ela, professora primária, jamais tinham conseguido juntar o suficiente para viajar. Quando dava para as prestações

das passagens não chegava para os dólares, e vice-versa; e assim, ano após ano, acabavam ficado em casa. Economizavam, compravam menos roupa, andavam só de ônibus, comiam menos – mas não conseguiam viajar para o exterior. Às vezes passavam uns dias na praia. E era tudo.

Contudo, tamanha era a vontade que tinham de contar para os amigos sobre as maravilhas da Europa, que acabaram bolando um plano. Todos os anos, no fim de janeiro, telefonavam aos amigos: estavam se despedindo, viajavam para o Velho Mundo. De fato, alguns dias depois começavam a chegar postais de cidades europeias, Roma, Veneza, Florença; e ao fim de um mês eles estavam de volta, convidando os amigos para verem os 'slides' da viagem. E as coisas interessantes que contavam! Até dividiam os assuntos: a ele cabia comentar os hotéis, os serviços aéreos, a cotação das moedas, e também o lado pitoresco das viagens; a ela tocava o lado erudito: comentários sobre os museus e locais históricos, peças teatrais que tinham visto. O filho, de dez anos, não contava nada, mas confirmava tudo; e suspirava quando os pais diziam:

– Como fomos felizes em Florença!

O que os amigos não conseguiam descobrir é de onde saíra o dinheiro para a viagem; um, mais indiscreto, chegou a perguntar. Os dois sorriram, misteriosos, falaram numa herança e desconversaram.

Depois é que ficou se sabendo.

Não viajavam coisa nenhuma. Nem saíam da cidade. Ficavam trancados em casa durante todo o mês de férias. Ela ficava estudando os folhetos das companhias de turismo, sobre – por exemplo – a cidade de Florença: a história de Florença, os museus de Florença, os monumentos de Florença. Ele, num pequeno laboratório fotográfico, montava 'slides' em que as imagens deles estavam superpostas a imagens de Florença. Escrevia os cartões-postais, colava neles selos usados com carimbos falsificados. Quanto ao menino, decorava as histórias contadas pelos pais para confirmá-las se necessário.

Só saíam de casa tarde da noite. O menino, para fazer um pouco de exercício; ela, para fazer compras num supermercado distante; e ele, para depositar nas caixas de correspondência dos amigos os postais.

Poderia ter durado muito e muitos anos, esta história. Foi ela quem estragou tudo. Lá pelas tantas, cansou de ter um marido pobre, que só lhe proporcionava excursões fingidas. Apaixonou-se por um piloto, que lhe prometeu muitas viagens, para os lugares mais exóticos. E acabou pedindo o divórcio.

Beijaram-se pela última vez ao sair do escritório do advogado.

– A verdade – disse ele – é que me diverti muito com a história toda.

– Eu também me diverti muito – ela disse.

– Fomos muito felizes em Florença – suspirou ele.

– É verdade – ela disse, com lágrimas nos olhos. E prometeu-se que nunca mais iria a Florença.

SCLIAR, Moacyr. *Melhores contos*: Moacyr Scliar. São Paulo: Global, 2003.

ENQUANTO DURA A FESTA | *Luiz Vilela*

Eles estão lá embaixo, chorando o morto: Mamãe, meus irmãos, meus tios, meus primos primeiros, meus primos segundos, os amigos, os inimigos, os vizinhos, os caridosos, os curiosos, os que iam passando, os que souberam, os que gostam de ver defunto ou gente chorando, todo mundo. Às vezes fica tão silencioso, que começo a dormir, mas logo alguém grita ou há

um choro desatinado, e eu rolo na cama com o travesseiro grudado no rosto, xingando. Não se cansam? Desde a madrugada isso. Na hora que ele morreu, minha irmã veio gritando pela casa como se fosse o fim do mundo, acordei com o coração na garganta, quase que eu morro também. Levantei do jeito que estava, só de cueca, fui correndo no quarto dele: Mamãe estava lá, na cabeceira da cama, desesperada; corri no telefone, chamei o médico; ele veio, examinou, abanou a cabeça – "não! não!", gritava Mamãe. Estava uma cena ridícula: o velho morto, na cama, de olhos arregalados e boca aberta; Mamãe de camisola e descabelada, agarrando Papai e gritando; minha irmã também só de camisola, agarrada à Mamãe e gritando; o médico de terno e gravata (afinal não correu tanto assim como disse: não teve tempo de pentear o cabelo e pôr a gravata?), e eu só de cueca. Lembrei-me desses quadros: "À cabeceira do morto". Só que neles nunca aparece um sujeito de cueca, e os mortos têm sempre uma expressão bela e serena. A expressão do meu pai é a última coisa do mundo que se pode chamar de bela e serena; era horrível, uma expressão de dor, pavor e desespero. Se eu acreditasse em inferno, diria que ele estava vendo o inferno naquela hora. Depois arranjaram a cara dele, fecharam os olhos, amarraram um pano ao redor do rosto. Chama isto de "respeito pelos mortos". Queria ver um morto no velório com aquela cara que tinha meu pai. Mas um morto não tem direito nem mais à própria cara.

Logo a casa encheu de gente. Primeiro vieram os vizinhos, os parentes, depois os outros. Eles arranjaram tudo. Meu irmão casado veio logo e tomou as providências necessárias. Na hora de botar o velho no caixão, eu ajudei, pegando nos pés dele. Depois vim para o quarto. Espero que ninguém venha aqui me chamar. Já avisei. Eles sabem como eu sou. A morte do velho não muda nada: eu não tinha nada com ele em vida, por que vou ter agora que ele está morto?

"Meus sentidos pêsames" – os palhaços. Um chegou com a cara de pêsames mais caprichada do mundo e, na hora de me estender a mão: "Meus parabéns" – e nem deu pela coisa. Quase estourei numa risada. Há os que chegam e não falam nada, dão só uns tapinhas e ficam um pouco abraçados com a gente. Nogueira foi um desses. Chegou, me deu uns tapinhas nas costas – mas eu não estendi um dedo para ele. Nogueira devia um milhão para papai, que vivia atrás dele cobrando; mas o desgraçado sumia, que ninguém achava; e quando dava o azar de se encontrado, prometia que viria aqui em casa acertar tudo. Papai não acreditava, claro, mas já andava cansado e doente, não queria complicação. Um milhão. Agora o velho morreu, e Nogueira aparece todo santinho, todo compungido, todo minhas-condolências. "Evitem de ele ter aborrecimentos fortes", dizia o médico. Um milhão é um aborrecimento forte. Eu devia ter perguntado para Nogueira: "Cadê o dinheiro? cadê o milhão que você deve para o Papai?" Envergonhá-lo, humilhá-lo, mostrar que ele foi um dos que ajudaram a matar o velho, fazê-lo ajoelhar diante do caixão e esfregar o nariz dele nos pés do defunto, fazê-lo pedir perdão, depois tocá-lo de casa a pontapés. Devia ter feito isto. Devia tê-lo arrasado de tal modo que ele jamais se esquecesse disso, e os que tivessem visto a cena. Que isso ficasse em sua memória como um risco de faca na cara.

Bondade diante do caixão: o morto não precisa dela, ele está morto. Felizmente ele está morto. "Seu pai foi um santo homem", me disse o vizinho, o que Papai em casa chamava de crápula; como ele chamaria Papai em sua rodinha? Santo homem; nunca, Papai nunca foi isso. Era um homem egoísta, às vezes cruel, um marido desconfiado, um pai sem carinho, um filho distante. Mas se durante a vida dele essas pessoas que estão lá embaixo agora tivessem corado um pouco por ele, sido boas com ele, talvez ele tivesse sido melhor. Mas, vê-se, elas estavam esperando ele morrer primeiro. Ser bom com os vivos dá muito trabalho; amanhã ele estará morto, e iremos chorar sobre o seu cadáver – assim é mais fácil.

Santo homem: quem eles pensam que estão enganando? O morto? Eles mesmos? Os parentes do morto? Quando alguém diz isso, Mamãe chora, minha irmã chora, meu irmão chora, todo mundo chora. É como uma festa, uma festa fúnebre em que, em vez de rir, todo mundo chora e se embriaga com lágrimas, enquanto piedosas mentiras são ditas à meia-voz por rostos falsamente compungidos; e no meio de tudo isso o morto: a causa, o pretexto, o ornamento. Sua alma já descansou, mas seu corpo ainda deve permanecer, enquanto dura a festa.

Adaptado de VILELA, Luiz. Enquanto dura a festa. In: _____. *Tremor de terra*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1977.

MEDO | *Odenilde Nogueira Martins*

Tudo calmo. Archimedes estava só, em casa. Quando chegou, avistara um bilhete sobre a mesa, próximo à cesta de frutas.

"Filho, seu pai e eu precisamos viajar. Sua avó não está passando bem. Há comida pronta no freezer, aqueça no microondas. Na geladeira tem leite e iogurte. Ah! Verduras também! Não te esqueças de colocar o relógio para despertar. Nada de "perder" a hora. Voltamos logo. Beijo de seu pai e sua mãe. Te amamos"

A casa era toda sua! Ninguém para mandá-lo tomar banho, escovar os dentes, dormir cedo, bom demais! Os pais se esqueciam de que ele já não era um menino, que tinha vinte anos. Grande foi a tentação de convidar os amigos e fazer uma festança! Havia comida, os amigos podiam trazer a bebida. Nem entrariam na casa, a bagunça seria do lado de fora à beira da piscina. Chegou a pegar o celular para convidar os amigos, mas a razão aconselhou que era uma péssima ideia. Como iria fazer uma festa sem deixar vestígios e sem que a empregada desse com a língua nos dentes?

– Sem chance! – concluiu. – Melhor aquietar o facho.

Andou pela casa, preparou um lanche e o silêncio despertou-lhe a vontade de ler. Por que não terminar a leitura daquele livro de Edgar Allan Poe, cheio de mistérios? Procurou por entre a bagunça que era seu quarto. De posse, daquele que seria seu companheiro por algumas horas, rumou para a sala disposto a escachar-se no sofá, onde só era permitido sentar-se. Pés sobre ele, nem pensar! Sua mãe quase tinha um ataque de nervos toda vez que o via, ou ao pai, tirando um cochilo sobre o mesmo. Era caro demais, dizia ela, para que o fizessem de cama.

Iniciou a leitura por "Berenice". A história era por demais envolvente, a sensação de medo traduzia-se em aumento de adrenalina, o que só ratificava sua preferência pelo autor.

Um forte ribombo acompanhado de um risco luminoso cortando o céu, anunciava mudança no tempo. Uma chuva forte estava a caminho, bem próxima. "Atmosfera perfeita", pensou. Levantou-se para fechar a janela que havia deixado aberta e constatou que o céu estava estrelado. Intrigado, voltou ao sofá para iniciar a leitura de outra história.

Tão logo se acomodou, despertou-lhe a atenção uma pequena caixa vermelha sobre o aparador que ficava próximo à janela.

– São os dentes de Berenice – murmurou, em tom irônico.

Nem bem abriu o Edgar Allan Poe, a porta da sala fechou-se com um estrondo, e uma lufada de vento invadiu o cômodo, revirando a toalha da mesa e o jornal que o pai havia deixado sobre o aparador.

– Archimedes, por quê? Eu te amo tanto! Por que, meu amor?

– O que está acontecendo? – balbucia, pálido de terror.

Diante de si, no umbral da porta, está Carla, sangue escorrendo da boca desdentada. O terror intenso põe o rapaz em pé, que, em um movimento violento, quebra o vaso de porcelana da dinastia Ming, adquirido pela mãe em um leilão. Paralisado pelo pavor, vê Carla afastar-se em meio a soluços de dor.

– Carla, espera! O que aconteceu? – grita desesperado, tentando segui-la, mas é impedido pela mesa de centro. A dor no joelho é tão forte que ele cai.

Quando finalmente consegue levantar-se, o que viu aterrorizou-o ainda mais, lá estava, no sofá revestido de fino veludo italiano, uma pasta de folhas de alface, pepino, catchup e mostarda; no chão, os cacos do pequeno tesouro garimpado pela mãe em uma viagem a Hong Kong. Da caixinha vermelha sobre o aparador, nem sinal.

Foi o som do telefone tocando que o tirou do estado catatônico em que se encontrava.

– Alô.

– Archimedes! Espero que tenhas uma desculpa muito boa para o fato de ter me deixado plantada na frente do cinema, ou eu arranco o teu couro! – berrava Carla.

Desligou o telefone sem dizer uma palavra. Estava em uma enrascada tremenda, destruiu o sofá e a obra de arte da qual a mãe tanto se gabava. Maldito Edgar Allan Poe e suas histórias! Por culpa dele, quem ficaria sem os dentes, assim que a mãe chegasse, era ele! E ainda perderia a namorada que não ia acreditar que ele estava em casa lendo, adormeceu e, por isso, não fora ao encontro marcado.

MARTINS, Odenilde Nogueira. Medo: In: _____. Caso encerrado.

O SAPATEIRO POBRE | *José Viale Moutinho*

Havia um sapateiro que trabalhava à porta de casa e todo o santíssimo dia cantava. Tinha muitos filhos, que andavam rotinhos pela rua, pela muita pobreza, e à noite, enquanto a mulher fazia a ceia, o homem puxava da viola e tocava os seus batuques muito contente.

Ora defronte do sapateiro morava um ricaço, que reparou naquele viver e teve pelo sapateiro tal compaixão que lhe mandou dar um saco de dinheiro, porque o queria fazer feliz.

O sapateiro lá ficou admirado. Pegou no dinheiro e à noite fechou-se com a mulher para o contarem. Naquela noite, o pobre já não tocou viola. As crianças, como andavam a brincar pela casa, faziam barulho e levaram-no a errar na conta, e ele teve de lhes bater. Ouviu-se uma choradeira, como nunca tinham feito quando estavam com mais fome. Dizia a mulher:

– E agora, que havemos nós de fazer a tanto dinheiro?

– Enterra-se!

– Perdemos-lhe o tino. É melhor metê-lo na arca.

– Mas podem roubá-lo! O melhor é pô-lo a render.

– Ora, isso é ser onzeneiro!

– Então levantam-se as casas e fazem-se de sobrado e depois arranjo a oficina toda pintadinha.

– Isso não tem nada com a obra! O melhor era comprarmos uns campinhos.

– Eu sou filha de lavrador e puxa-me o corpo para o campo.

– Nessa não caio eu.

– Pois o que me faz conta é ter terra. Tudo o mais é vento.

As coisas foram-se azedando, palavra puxa palavra, o homem zanga-se, atiça duas solhas na mulher, berreiro de uma banda, berreiro da outra, naquela noite não pregaram olho.

O vizinho ricaço reparava em tudo e não sabia explicar aquela mudança.

Por fim, o sapateiro disse à mulher:

– Sabes que mais? O dinheiro tirou-nos a nossa antiga alegria! O melhor era ir levá-lo outra vez ao vizinho dali defronte, e que nos deixe cá com aquela pobreza que nos fazia amigos um do outro!

A mulher abraçou aquilo com ambas as mãos, e o sapateiro, com vontade de recobrar a sua alegria e a da mulher e dos filhos, foi entregar o dinheiro e voltou para a sua tripeça a cantar e a trabalhar como de costume.

Disponível em: http://www.portalentretextos.com.br/materia/o-sapateiro-pobre,5818. Acesso em: 30 ago. 2019.

O BILHETE DO AMOR | *Elias José*

Logo que colocou os objetos debaixo da carteira, Pitu encontrou o bilhete. Leu, ficou vermelho, colocou no bolso, não mostrou pra ninguém. De vez em quando, mordia-lhe uma curiosidade grande, uma vontade de reler pra ter certeza. Era uma revelação que ele não estava esperando. Não podia dizer que estivesse achando ruim, pelo contrário... Ele estava com vontade de olhar pra trás, para as últimas carteiras e procurar uma resposta com o olhar. Era um tímido e não se encorajava. A professora explicava num mapa as regiões do Brasil e ele viajava em rumo diferente.

Ainda bem que ela não estava olhando pra ele, nem fazendo perguntas, só estava expondo a matéria. Na hora da verificação, acabaria saindo-se mal. Não gostava de ignorar as coisas perguntadas. Só não se saía muito bem quando se tratava de fazer contas de números fracionários. A professora mesma dizia-lhe que em Português e matéria de leitura e entendimento, ele se saía bem; mas nos cálculos, tinha dificuldade. Agora estava distante, pensava em poesias românticas, em música sentimental. Estava meio perdido nos pensamentos confusos. O bilhete queimando no bolso. Uma vontade de relê-lo, palavra por palavra. Interessante, não era um bilhete bem escrito, tinha até erro de Português – por que a curiosidade? Só ele sabia dele, não foi como no dia do correio-elegante, pai, mãe e seu Francisco do armazém querendo saber, dando palpites. Agora, tinha um bilhete e era diferente. Tinha um bilhete que trazia uma declaração de amor e uma assinatura. Trazia mais: trazia um convite para um bate-papo na praça, às duas horas, se ele quisesse namorar de verdade.

Marina era bonitinha, ele queria. Faltava-lhe jeito de dizer, tinha que escrever um bilhetinho respondendo, era mais fácil. No intervalo, escreveu o bilhete, fechado no banheiro.

Quando ela chegou, a resposta a esperava na carteira. Quase no fim da aula, ele criou força e olhou pra trás. Marina sorria, confirmando. Ele sorria também. Diversas vezes, ele olhou pra trás e a encontrou olhando. Trocaram sorrisos e olhares. Os dois estavam vivendo uma ternura primeira e não sabiam escondê-la mais. Tanto assim que a professora pediu que ele virasse pra frente, observasse o que ela estava pedindo pra pesquisa do fim de semana. Naquele fim de semana, ele iria pesquisar alguma coisa nova que não tinha experimentado, como alguns outros de sua idade e turma.

FELICIDADE CLANDESTINA | *Clarice Lispector*

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme; enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como "data natalícia" e "saudade".

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias,

altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía As reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do "dia seguinte" com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E você fica com o livro por quanto tempo quiser." Entendem? Valia mais do que me dar o livro: "pelo tempo que eu quisesse" é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

A VELHA CONTRABANDISTA | *Stanislaw Ponte Preta*

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

– Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo e respondeu:

– É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

– Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

– Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

– Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

– O senhor promete que não "espaia" ? – quis saber a velhinha.

– Juro – respondeu o fiscal.

– É lambreta.

PRETA, Stanislaw Ponte. *A velha contrabandista*. São Paulo: Ática, 1997.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIA DESTA PÁGINA EM PAPEL COLORIDO E RECORTE OS CARTÕES.

OS TURISTAS SECRETOS

Moacyr Scliar

ENQUANTO DURA A FESTA

Luiz Vilela

MEDO

Odenilde Nogueira Martins

O SAPATEIRO POBRE

José Viale Moutinho

O BILHETE DO AMOR

Elias José

FELICIDADE CLANDESTINA

Clarice Lispector

A VELHA CONTRABANDISTA

Stanislaw Ponte Preta

TRECHO 3

Havia um casal que tinha uma inveja terrível dos amigos turistas – especialmente dos que faziam turismo no exterior. Ele, pequeno funcionário de uma grande firma, ela, professora primária, jamais tinham conseguido juntar o suficiente para viajar. Quando dava para as prestações das passagens não chegava para os dólares, e vice-versa; e assim, ano após ano, acabavam ficando em casa. Economizavam, compravam menos roupa, andavam só de ônibus, comiam menos – mas não conseguiam viajar para o exterior. Às vezes passavam uns dias na praia. E era tudo.

Quer encontrar outra parte dessa história? Então descubra onde estou.

ESTOU NO CORAÇÃO DA ESCOLA.

SEI TODA A SUA VIDA E CONHEÇO SUAS NOTAS.

Contudo, tamanha era a vontade que tinham de contar para os amigos sobre as maravilhas da Europa, que acabaram bolando um plano. Todos os anos, no fim de janeiro, telefonavam aos amigos: estavam se despedindo, viajavam para o Velho Mundo. De fato, alguns dias depois começavam a chegar postais de cidades europeias, Roma, Veneza, Florença; e ao fim de um mês eles estavam de volta, convidando os amigos para verem os 'slides' da viagem. E as coisas interessantes que contavam! Até dividiam os assuntos: a ele cabia comentar os hotéis, os serviços aéreos, a cotação das moedas, e também o lado pitoresco das viagens; a ela tocava o lado erudito: comentários sobre os museus e locais históricos, peças teatrais que tinham visto. O filho, de dez anos, não contava nada, mas confirmava tudo; e suspirava quando os pais diziam:

– Como fomos felizes em Florença!

Para conhecer outra parte da história, descubra onde estou:

OUÇO MUITAS REUNIÕES.

VOCÊ É ESTUDANTE? ENTÃO VOCÊ NÃO DEVE PERMANECER MUITO TEMPO AQUI ONDE ESTOU.

O que os amigos não conseguiam descobrir é de onde saíra o dinheiro para a viagem; um, mais indiscreto, chegou a perguntar. Os dois sorriram, misteriosos, falaram numa herança e desconversaram.

Depois é que ficou se sabendo.

Para encontrar mais um pedacinho desse conto, descubra onde estou.

SABE DE UMA COISA? ESSA HISTÓRIA ME DEU UMA FOME...

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIA DESTA PÁGINA EM PAPEL COLORIDO E RECORTE OS CARTÕES.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIA DESTA PÁGINA EM PAPEL COLORIDO E RECORTE OS CARTÕES.

Não viajavam coisa nenhuma. Nem saíam da cidade. Ficavam trancados em casa durante todo o mês de férias. Ela ficava estudando os folhetos das companhias de turismo, sobre – por exemplo – a cidade de Florença: a história de Florença, os museus de Florença, os monumentos de Florença. Ele, num pequeno laboratório fotográfico, montava 'slides' em que as imagens deles estavam superpostas a imagens de Florença. Escrevia os cartões-postais, colava neles selos usados com carimbos falsificados. Quanto ao menino, decorava as histórias contadas pelos pais para confirmá-las se necessário.

Só saíam de casa tarde da noite. O menino, para fazer um pouco de exercício; ela, para fazer compras num supermercado distante; e ele, para depositar nas caixas de correspondência dos amigos os postais.

Adivinhe onde estou?

SOU PEQUENA, MAS O MUNDO TODO CABE EM MIM.

Poderia ter durado muito e muitos anos, esta história. Foi ela quem estragou tudo. Lá pelas tantas, cansou de ter um marido pobre, que só lhe proporcionava excursões fingidas. Apaixonou-se por um piloto, que lhe prometeu muitas viagens, para os lugares mais exóticos. E acabou pedindo o divórcio.

Beijaram-se pela última vez ao sair do escritório do advogado.

– A verdade – disse ele – é que me diverti muito com a história toda.

– Eu também me diverti muito – ela disse.

– Fomos muito felizes em Florença – suspirou ele.

– É verdade – ela disse, com lágrimas nos olhos. E prometeu-se que nunca mais iria a Florença.

ACABARAM-SE OS ENIGMAS.

SE SEU GRUPO JÁ TEM AS 5 PARTES DO TEXTO, AGORA É HORA DE ORDENAR O CONTO E ACHAR UM TÍTULO ADEQUADO PARA ELE.

TRECHO 3

Eles estão lá embaixo, chorando o morto: Mamãe, meus irmãos, meus tios, meus primos primeiros, meus primos segundos, os amigos, os inimigos, os vizinhos, os caridosos, os curiosos, os que iam passando, os que souberam, os que gostam de ver defunto ou gente chorando, todo mundo. Às vezes fica tão silencioso, que começo a dormir, mas logo alguém grita ou há um choro desatinado, e eu rolo na cama com o travesseiro grudado no rosto, xingando. Não se cansam? Desde a madrugada isso. Na hora que ele morreu, minha irmã veio gritando pela casa como se fosse o fim do mundo, acordei com o coração na garganta, quase que eu morro também. Levantei do jeito que estava, só de cueca, fui correndo no quarto dele: Mamãe estava lá, na cabeceira da cama, desesperada; corri no telefone, chamei o médico; ele veio, examinou, abanou a cabeça – "não! não!", gritava Mamãe. Estava uma cena ridícula: o velho morto, na cama, de olhos arregalados e boca aberta; Mamãe de camisola e descabelada, agarrando Papai e gritando; minha irmã também só de camisola, agarrada à Mamãe e gritando; o médico de terno e gravata (afinal não correu tanto assim como disse: não teve tempo de pentear o cabelo e pôr a gravata?), e eu só de cueca. Lembrei-me desses quadros: "À cabeceira do morto". Só que neles nunca aparece um sujeito de cueca, e os mortos têm sempre uma expressão bela e serena. A expressão do meu pai é a última coisa do mundo que se pode chamar de bela e serena; era horrível, uma expressão de dor, pavor e desespero. Se eu acreditasse em inferno, diria que ele estava vendo o inferno naquela hora. Depois arranjaram a cara dele, fecharam os olhos, amarraram um pano ao redor do rosto. Chama isto de "respeito pelos mortos". Queria ver um morto no velório com aquela cara que tinha meu pai. Mas um morto não tem direito nem mais à própria cara.

Quer saber como continua essa história? Então descubra onde estou.

ESTOU NO CORAÇÃO DA ESCOLA.

SEI TODA A SUA VIDA E CONHEÇO SUAS NOTAS.

Logo a casa encheu de gente. Primeiro vieram os vizinhos, os parentes, depois os outros. Eles arranjaram tudo. Meu irmão casado veio logo e tomou as providências necessárias. Na hora de botar o velho no caixão, eu ajudei, pegando nos pés dele. Depois vim para o quarto. Espero que ninguém venha aqui me chamar. Já avisei. Eles sabem como eu sou. A morte do velho não muda nada: eu não tinha nada com ele em vida, por que vou ter agora que ele está morto?

Para conhecer outra parte da história, descubra onde estou:

OUÇO MUITAS REUNIÕES.

VOCÊ É ESTUDANTE? ENTÃO VOCÊ NÃO DEVE PERMANECER MUITO TEMPO AQUI ONDE ESTOU.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIA DESTA PÁGINA EM PAPEL COLORIDO E RECORTE OS CARTÕES.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIA DESTA PÁGINA EM PAPEL COLORIDO E RECORTE OS CARTÕES.

"Meus sentidos pêsames" – os palhaços. Um chegou com a cara de pêsames mais caprichada do mundo e, na hora de me estender a mão: "Meus parabéns" – e nem deu pela coisa. Quase estourei numa risada. Há os que chegam e não falam nada, dão só uns tapinhas e ficam um pouco abraçados com a gente. Nogueira foi um desses. Chegou, me deu uns tapinhas nas costas – mas eu não estendi um dedo para ele. Nogueira devia um milhão para papai, que vivia atrás dele cobrando; mas o desgraçado sumia, que ninguém achava; e quando dava o azar de se encontrado, prometia que viria aqui em casa acertar tudo. Papai não acreditava, claro, mas já andava cansado e doente, não queria complicação. Um milhão. Agora o velho morreu, e Nogueira aparece todo santinho, todo compungido, todo minhas-condolências. "Evitem de ele ter aborrecimentos fortes", dizia o médico. Um milhão é um aborrecimento forte. Eu devia ter perguntado para Nogueira: "Cadê o dinheiro? cadê o milhão que você deve para o Papai?" Envergonhá-lo, humilhá-lo, mostrar que ele foi um dos que ajudaram a matar o velho, fazê-lo ajoelhar diante do caixão e esfregar o nariz dele nos pés do defunto, fazê-lo pedir perdão, depois tocá-lo de casa a pontapés. Devia ter feito isto. Devia tê-lo arrasado de tal modo que ele jamais se esquecesse disso, e os que tivessem visto a cena. Que isso ficasse em sua memória como um risco de faca na cara.

Para encontrar mais um pedacinho desse conto, descubra onde estou.

SABE DE UMA COISA? ESSA HISTÓRIA ME DEU UMA FOME...

Bondade diante do caixão: o morto não precisa dela, ele está morto. Felizmente ele está morto. "Seu pai foi um santo homem", me disse o vizinho, o que Papai em casa chamava de crápula; como ele chamaria Papai em sua rodinha? Santo homem; nunca, Papai nunca foi isso. Era um homem egoísta, às vezes cruel, um marido desconfiado, um pai sem carinho, um filho distante. Mas se durante a vida dele essas pessoas que estão lá embaixo agora tivessem corado um pouco por ele, sido boas com ele, talvez ele tivesse sido melhor. Mas, vê-se, elas estavam esperando ele morrer primeiro. Ser bom com os vivos dá muito trabalho; amanhã ele estará morto, e iremos chorar sobre o seu cadáver – assim é mais fácil.

Adivinhe onde estou?

SOU PEQUENA, MAS O MUNDO TODO CABE EM MIM.

Santo homem: quem eles pensam que estão enganando? O morto? Eles mesmos? Os parentes do morto? Quando alguém diz isso, Mamãe chora, minha irmã chora, meu irmão chora, todo mundo chora. É como uma festa, uma festa fúnebre em que, em vez de rir, todo mundo chora e se embriaga com lágrimas, enquanto piedosas mentiras são ditas à meia-voz por rostos falsamente compungidos; e no meio de tudo isso o morto: a causa, o pretexto, o ornamento. Sua alma já descansou, mas seu corpo ainda deve permanecer, enquanto dura a festa.

ACABARAM-SE OS ENIGMAS.

SE SEU GRUPO JÁ TEM AS 5 PARTES DO TEXTO, AGORA É HORA DE ORDENAR O CONTO E ACHAR UM TÍTULO ADEQUADO PARA ELE.

TRECHO 3

Tudo calmo. Archimedes estava só, em casa. Quando chegou, avistara um bilhete sobre a mesa, próximo à cesta de frutas.

"Filho, seu pai e eu precisamos viajar. Sua avó não está passando bem. Há comida pronta no freezer, aqueça no micro-ondas. Na geladeira tem leite e iogurte. Ah! Verduras também! Não te esqueças de colocar o relógio para despertar. Nada de "perder" a hora. Voltamos logo. Beijo de seu pai e sua mãe. Te amamos"

Quer saber como continua essa história? Então descubra onde estou.

ESTOU NO CORAÇÃO DA ESCOLA.

SEI TODA A SUA VIDA E CONHEÇO SUAS NOTAS.

A casa era toda sua! Ninguém para mandá-lo tomar banho, escovar os dentes, dormir cedo, bom demais! Os pais se esqueciam de que ele já não era um menino, que tinha vinte anos. Grande foi a tentação de convidar os amigos e fazer uma festança! Havia comida, os amigos podiam trazer a bebida. Nem entrariam na casa, a bagunça seria do lado de fora à beira da piscina. Chegou a pegar o celular para convidar os amigos, mas a razão aconselhou que era uma péssima ideia. Como iria fazer uma festa sem deixar vestígios e sem que a empregada desse com a língua nos dentes?

– Sem chance! – concluiu. – Melhor aquietar o facho.

Para conhecer outra parte da história, descubra onde estou:

OUÇO MUITAS REUNIÕES.

VOCÊ É ESTUDANTE? ENTÃO VOCÊ NÃO DEVE PERMANECER MUITO TEMPO AQUI ONDE ESTOU.

Andou pela casa, preparou um lanche e o silêncio despertou-lhe a vontade de ler. Por que não terminar a leitura daquele livro de Edgar Allan Poe, cheio de mistérios? Procurou por entre a bagunça que era seu quarto. De posse, daquele que seria seu companheiro por algumas horas, rumou para a sala disposto a escachar-se no sofá, onde só era permitido sentar-se. Pés sobre ele, nem pensar! Sua mãe quase tinha um ataque de nervos toda vez que o via, ou ao pai, tirando um cochilo sobre o mesmo. Era caro demais, dizia ela, para que o fizessem de cama.

Iniciou a leitura por "Berenice". A história era por demais envolvente, a sensação de medo traduzia-se em aumento de adrenalina, o que só ratificava sua preferência pelo autor.

Um forte ribombo acompanhado de um risco luminoso cortando o céu, anunciava mudança no tempo. Uma chuva forte estava a caminho, bem próxima. "Atmosfera perfeita", pensou. Levantou-se para fechar a janela que havia deixado aberta e constatou que o céu estava estrelado. Intrigado, voltou ao sofá para iniciar a leitura de outra história.

Para encontrar mais um pedacinho desse conto, descubra onde estou.

SABE DE UMA COISA? ESSA HISTÓRIA ME DEU UMA FOME...

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIA DESTA PÁGINA EM PAPEL COLORIDO E RECORTE OS CARTÕES.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIA DESTA PÁGINA EM PAPEL COLORIDO E RECORTE OS CARTÕES.

Tão logo se acomodou, despertou-lhe a atenção uma pequena caixa vermelha sobre o aparador que ficava próximo à janela.

– São os dentes de Berenice – murmurou, em tom irônico.

Nem bem abriu o Edgar Allan Poe, a porta da sala fechou-se com um estrondo, e uma lufada de vento invadiu o cômodo, revirando a toalha da mesa e o jornal que o pai havia deixado sobre o aparador.

– Archimedes, por quê? Eu te amo tanto! Por que, meu amor?

– O que está acontecendo? – balbucia, pálido de terror.

Diante de si, no umbral da porta, está Carla, sangue escorrendo da boca desdentada. O terror intenso põe o rapaz em pé, que, em um movimento violento, quebra o vaso de porcelana da dinastia Ming, adquirido pela mãe em um leilão. Paralisado pelo pavor, vê Carla afastar-se em meio a soluços de dor.

– Carla, espera! O que aconteceu? – grita desesperado, tentando segui-la, mas é impedido pela mesa de centro. A dor no joelho é tão forte que ele cai.

Quando finalmente consegue levantar-se, o que viu aterrorizou-o ainda mais, lá estava, no sofá revestido de fino veludo italiano, uma pasta de folhas de alface, pepino, catchup e mostarda; no chão, os cacos do pequeno tesouro garimpado pela mãe em uma viagem a Hong Kong. Da caixinha vermelha sobre o aparador, nem sinal.

Foi o som do telefone tocando que o tirou do estado catatônico em que se encontrava.

– Alô.

– Archimedes! Espero que tenhas uma desculpa muito boa para o fato de ter me deixado plantada na frente do cinema, ou eu arranco o teu couro! – berrava Carla.

Adivinhe onde estou?

SOU PEQUENA, MAS O MUNDO TODO CABE EM MIM.

Desligou o telefone sem dizer uma palavra. Estava em uma enrascada tremenda, destruiu o sofá e a obra de arte da qual a mãe tanto se gabava. Maldito Edgar Allan Poe e suas histórias! Por culpa dele, quem ficaria sem os dentes, assim que a mãe chegasse, era ele! E ainda perderia a namorada que não ia acreditar que ele estava em casa lendo, adormeceu e, por isso, não fora ao encontro marcado.

ACABARAM-SE OS ENIGMAS.

SE SEU GRUPO JÁ TEM AS 5 PARTES DO TEXTO, AGORA É HORA DE ORDENAR O CONTO E ACHAR UM TÍTULO ADEQUADO PARA ELE.

TRECHO 3

Havia um sapateiro que trabalhava à porta de casa e todo o santíssimo dia cantava. Tinha muitos filhos, que andavam rotinhos pela rua, pela muita pobreza, e à noite, enquanto a mulher fazia a ceia, o homem puxava da viola e tocava os seus batuques muito contente.

Ora defronte do sapateiro morava um ricaço, que reparou naquele viver e teve pelo sapateiro tal compaixão que lhe mandou dar um saco de dinheiro, porque o queria fazer feliz.

Quer saber como continua essa história? Então descubra onde estou.

ESTOU NO CORAÇÃO DA ESCOLA.

SEI TODA A SUA VIDA E CONHEÇO SUAS NOTAS.

O sapateiro lá ficou admirado. Pegou no dinheiro e à noite fechou-se com a mulher para o contarem. Naquela noite, o pobre já não tocou viola. As crianças, como andavam a brincar pela casa, faziam barulho e levaram-no a errar na conta, e ele teve de lhes bater. Ouviu-se uma choradeira, como nunca tinham feito quando estavam com mais fome. Dizia a mulher:

OUÇO MUITAS REUNIÕES.

VOCÊ É ESTUDANTE? ENTÃO VOCÊ NÃO DEVE PERMANECER MUITO TEMPO AQUI ONDE ESTOU.

– E agora, que havemos nós de fazer a tanto dinheiro?

– Enterra-se!

– Perdemos-lhe o tino. É melhor metê-lo na arca.

– Mas podem roubá-lo! O melhor é pô-lo a render.

– Ora, isso é ser onzeneiro!

– Então levantam-se as casas e fazem-se de sobrado e depois arranjo a oficina toda pintadinha.

– Isso não tem nada com a obra! O melhor era comprarmos uns campinhos.

– Eu sou filha de lavrador e puxa-me o corpo para o campo.

Para encontrar mais um pedacinho desse conto, descubra onde estou.

SABE DE UMA COISA? ESSA HISTÓRIA ME DEU UMA FOME...

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIA DESTA PÁGINA EM PAPEL COLORIDO E RECORTE OS CARTÕES.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIA DESTA PÁGINA EM PAPEL COLORIDO E RECORTE OS CARTÕES.

– Nessa não caio eu.

– Pois o que me faz conta é ter terra. Tudo o mais é vento.

As coisas foram-se azedando, palavra puxa palavra, o homem zanga-se, atiça duas solhas na mulher, berreiro de uma banda, berreiro da outra, naquela noite não pregaram olho.

O vizinho ricaço reparava em tudo e não sabia explicar aquela mudança.

Por fim, o sapateiro disse à mulher:

– Sabes que mais? O dinheiro tirou-nos a nossa antiga alegria! O melhor era ir levá-lo outra vez ao vizinho dali defronte, e que nos deixe cá com aquela pobreza que nos fazia amigos um do outro!

Adivinhe onde estou?

SOU PEQUENA, MAS O MUNDO TODO CABE EM MIM.

A mulher abraçou aquilo com ambas as mãos, e o sapateiro, com vontade de recobrar a sua alegria e a da mulher e dos filhos, foi entregar o dinheiro e voltou para a sua tripeça a cantar e a trabalhar como de costume.

ACABARAM-SE OS ENIGMAS.

SE SEU GRUPO JÁ TEM AS 5 PARTES DO TEXTO, AGORA É HORA DE ORDENAR O CONTO E ACHAR UM TÍTULO ADEQUADO PARA ELE.

TRECHO 3

Logo que colocou os objetos debaixo da carteira, Pitu encontrou o bilhete. Leu, ficou vermelho, colocou no bolso, não mostrou pra ninguém. De vez em quando, mordia-lhe uma curiosidade grande, uma vontade de reler pra ter certeza. Era uma revelação que ele não estava esperando. Não podia dizer que estivesse achando ruim, pelo contrário... Ele estava com vontade de olhar pra trás, para as últimas carteiras e procurar uma resposta com o olhar. Era um tímido e não se encorajava. A professora explicava num mapa as regiões do Brasil e ele viajava em rumo diferente.

Quer saber como continua essa história? Então descubra onde estou.

ESTOU NO CORAÇÃO DA ESCOLA.

SEI TODA A SUA VIDA E CONHEÇO SUAS NOTAS.

Ainda bem que ela não estava olhando pra ele, nem fazendo perguntas, só estava expondo a matéria. Na hora da verificação, acabaria saindo-se mal. Não gostava de ignorar as coisas perguntadas. Só não se saía muito bem quando se tratava de fazer contas de números fracionários. A professora mesma dizia-lhe que em Português e matéria de leitura e entendimento, ele se saía bem; mas nos cálculos, tinha dificuldade. Agora estava distante, pensava em poesias românticas, em música sentimental. Estava meio perdido nos pensamentos confusos.

Para conhecer outra parte da história, descubra onde estou:

OUÇO MUITAS REUNIÕES.

VOCÊ É ESTUDANTE? ENTÃO VOCÊ NÃO DEVE PERMANECER MUITO TEMPO AQUI ONDE ESTOU.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIA DESTA PÁGINA EM PAPEL COLORIDO E RECORTE OS CARTÕES.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIA DESTA PÁGINA EM PAPEL COLORIDO E RECORTE OS CARTÕES.

O bilhete queimando no bolso. Uma vontade de relê-lo, palavra por palavra. Interessante, não era um bilhete bem escrito, tinha até erro de Português – por que a curiosidade? Só ele sabia dele, não foi como no dia do correio-elegante, pai, mãe e seu Francisco do armazém querendo saber, dando palpites. Agora, tinha um bilhete e era diferente. Tinha um bilhete que trazia uma declaração de amor e uma assinatura. Trazia mais: trazia um convite para um bate-papo na praça, às duas horas, se ele quisesse namorar de verdade.

Para encontrar mais um pedacinho desse conto, descubra onde estou.

SABE DE UMA COISA? ESSA HISTÓRIA ME DEU UMA FOME...

Marina era bonitinha, ele queria. Faltava-lhe jeito de dizer, tinha que escrever um bilhetinho respondendo, era mais fácil. No intervalo, escreveu o bilhete, fechado no banheiro.

Adivinhe onde estou?

SOU PEQUENA, MAS O MUNDO TODO CABE EM MIM.

Quando ela chegou, a resposta a esperava na carteira. Quase no fim da aula, ele criou força e olhou pra trás. Marina sorria, confirmando. Ele sorria também. Diversas vezes, ele olhou pra trás e a encontrou olhando. Trocaram sorrisos e olhares. Os dois estavam vivendo uma ternura primeira e não sabiam escondê-la mais. Tanto assim que a professora pediu que ele virasse pra frente, observasse o que ela estava pedindo pra pesquisa do fim de semana. Naquele fim de semana, ele iria pesquisar alguma coisa nova que não tinha experimentado, como alguns outros de sua idade e turma.

ACABARAM-SE OS ENIGMAS.

SE SEU GRUPO JÁ TEM AS 5 PARTES DO TEXTO, AGORA É HORA DE ORDENAR O CONTO E ACHAR UM TÍTULO ADEQUADO PARA ELE.

TRECHO 3

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme; enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como "data natalícia" e "saudade".

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

ESTOU NO CORAÇÃO DA ESCOLA.

SEI TODA A SUA VIDA E CONHEÇO SUAS NOTAS.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía As reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

Para conhecer outra parte da história, descubra onde estou:

OUÇO MUITAS REUNIÕES.

VOCÊ É ESTUDANTE? ENTÃO VOCÊ NÃO DEVE PERMANECER MUITO TEMPO AQUI ONDE ESTOU.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIA DESTA PÁGINA EM PAPEL COLORIDO E RECORTE OS CARTÕES.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIA DESTA PÁGINA EM PAPEL COLORIDO E RECORTE OS CARTÕES.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do "dia seguinte" com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Para encontrar mais um pedacinho desse conto, descubra onde estou.

SABE DE UMA COISA? ESSA HISTÓRIA ME DEU UMA FOME...

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E você fica com o livro por quanto tempo quiser." Entendem? Valia mais do que me dar o livro: "pelo tempo que eu quisesse" é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Adivinhe onde estou?

SOU PEQUENA, MAS O MUNDO TODO CABE EM MIM.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

ACABARAM-SE OS ENIGMAS.

SE SEU GRUPO JÁ TEM AS 5 PARTES DO TEXTO, AGORA É HORA DE ORDENAR O CONTO E ACHAR UM TÍTULO ADEQUADO PARA ELE.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIA DESTA PÁGINA EM PAPEL COLORIDO E RECORTE OS CARTÕES.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIA DESTA PÁGINA EM PAPEL COLORIDO E RECORTE OS CARTÕES.

TRECHO 3

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.

ESTOU NO CORAÇÃO DA ESCOLA.

SEI TODA A SUA VIDA E CONHEÇO SUAS NOTAS.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

– Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo e respondeu:

– É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

OUÇO MUITAS REUNIÕES.

VOCÊ É ESTUDANTE? ENTÃO VOCÊ NÃO DEVE PERMANECER MUITO TEMPO AQUI ONDE ESTOU.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Para encontrar mais um pedacinho desse conto, descubra onde estou.

SABE DE UMA COISA? ESSA HISTÓRIA ME DEU UMA FOME...

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

– Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

– Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

Adivinhe onde estou?

SOU PEQUENA, MAS O MUNDO TODO CABE EM MIM.

- Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

– O senhor promete que não "espaia" ? – quis saber a velhinha.

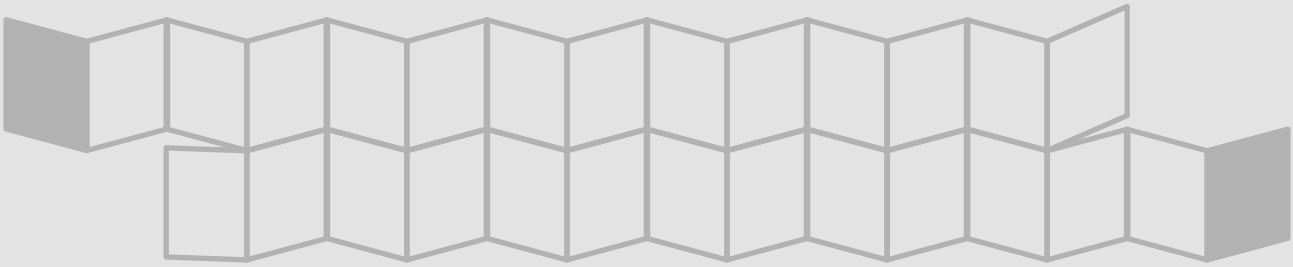
– Juro – respondeu o fiscal.

– É lambreta.

ACABARAM-SE OS ENIGMAS.

SE SEU GRUPO JÁ TEM AS 5 PARTES DO TEXTO, AGORA É HORA DE ORDENAR O CONTO E ACHAR UM TÍTULO ADEQUADO PARA ELE.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIA DESTA PÁGINA EM PAPEL COLORIDO E RECORTE OS CARTÕES.



9.2 | SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2 | **A POESIA ESTÁ NO AR**

Nesta situação de aprendizagem, vamos ler poemas, significados poéticos e produziremos verbetes para um dicionário poético da turma.

OBJETIVO GERAL

- Produzir um dicionário poético da turma.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Ler poemas e significados poéticos;
- desenvolver habilidades de escrita criativa;
- despertar o gosto pela linguagem poética.

COMPETÊNCIAS A SEREM DESENVOLVIDAS (BNCC, 2017)

- Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
- Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.
- Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

- Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
- Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

- (EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música, etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, vlogs e podcasts culturais (literatura, cinema, teatro, música), playlists comentadas, fanfics, fanzines, e-zines, fanvídeos, fanclipes, posts em fanpages, trailer honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.
- (EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.
- (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.
- (EF07LP08) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, adjetivos que ampliam o sentido do substantivo sujeito ou complemento verbal.
- (EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento, etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero, utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos, etc.

TEMPO

3 aulas.
As aulas 1 e 2 podem ser geminadas ou separadas.

AÇÕES

1 | Leitura e discussão de significados poéticos.

2 | Produção de dicionário poético.

RECURSOS DIDÁTICOS

Para a ação 1 | Cópias dos textos disponibilizados no Material para o Professor e Material para o Aluno.

Para a ação 2 | Caneta, papel sulfite e material para encadernação.

CONHECENDO A ATIVIDADE

Esta atividade propõe a leitura de poemas e de significados poéticos, bem como a produção de um dicionário poético da turma.

AULA 1
A POESIA ESTÁ NO AR

Nesta aula, leremos um poema e conheceremos alguns significados poéticos.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada de forma que os alunos possam circular pelo ambiente.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Leia atentamente e analise o texto e as propostas orientadoras de leitura e checagem de informações. Se julgar necessário, elabore mais questões ou propostas.
- ✓ Reproduza para os alunos os textos do Material para o Professor e/ou outros de sua escolha.
- ✓ Recorte os significados poéticos e deixe-os afixados nas paredes da sala de aula.

Professor(a), para envolver os estudantes em um ambiente de maior sensibilidade, sugerimos que você utilize um aparelho de som para reproduzir músicas instrumentais ou clássicas como fundo musical para a aula.

DURANTE A AULA

- ✓ Leia em voz alta, para a turma, o poema "Tem tudo a ver", de Elias José.
- ✓ Converse com os estudantes sobre o texto que leram e enfatize o uso da linguagem poética.
- ✓ Após uma breve discussão, divida a lousa em duas partes; no lado direito escreva o significado a seguir:

Amizade:

1. Sentimento de afeição e simpatia recíprocas entre dois ou mais entes (ex.: obrigado pelo carinho e pela amizade). ff DESAMIZADE, INIMIZADE

2. Pessoa em relação a quem se tem esse sentimento (ex.: fazer novas amizades). = AMIGO

(*Dicionário Priberam*)

No lado esquerdo, escreva a seguinte definição:

Amizade

"A amizade é um amor que nunca morre."

(Mario Quintana)

- Convide dois alunos para lerem em voz alta as duas definições.
- Em seguida, proponha aos alunos as seguintes perguntas:
  - Que diferenças há entre os dois significados?
  - Qual deles é mais objetivo? Por quê?
  - Qual transmite mais sentimento?
  - Em que situações você utilizaria o primeiro significado?
  - Em que situações você utilizaria o segundo significado?
- Explique que a segunda definição, proposta por Mario Quintana, é um significado poético para a palavra "amizade" e que muitos escritores e poetas propuseram e ainda propõem definições mais poéticas para diversas palavras.

⇨ *Professor(a), nesse momento você pode abordar as diferenças entre denotação e conotação.*

- Após a discussão, convide os alunos a circularem pela sala e oriente-os a ler alguns significados.
- Acompanhe os alunos, de modo a garantir que façam uma leitura silenciosa.
- Oriente os alunos a escolher um significado. Cada aluno poderá retirar o seu elegido da parede e depois deverá compartilhar sua escolha com os demais. Peça para cada um explicitar as razões de sua escolha.
- Em seguida, peça para cada estudante localizar no dicionário e escrever no caderno o significado da palavra escolhida. Oriente a turma a copiar também o significado poético escolhido.
- Reflita com a turma sobre as diferenças entre o significado proposto pelo(s) autor(es) e convide-os a responder às seguintes perguntas:
  - Essa palavra já foi definida em vários dicionários. Quais serão os motivos que levaram o poeta a escrever uma nova definição?
  - Que diferenças você percebeu entre os dois significados?

- Qual deles você mais gostou? Por quê?
- Qual transmite mais sentimentos e sensibilidade?
- Em que situações você utilizaria cada um dos significados?

✓ Convide alguns alunos para compartilhar suas respostas.

AULA 2
SIGNIFICADOS POÉTICOS

Nestas aulas, conheceremos outros significados poéticos.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada em semicírculo para facilitar a interação entre os estudantes.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

✓ Leia atentamente e analise o texto e as propostas orientadoras de leitura e checagem de informações. Se julgar necessário, elabore mais questões ou propostas.

✓ Reproduza para os alunos os textos do Material para o Aluno e/ou outros de sua escolha.

✓ Professor(a), para envolver os estudantes em um ambiente de maior sensibilidade, sugerimos que você utilize um aparelho de som para reproduzir músicas instrumentais ou clássicas como fundo musical para a aula.

DURANTE A AULA

✓ Retome com os alunos o conteúdo estudado na aula anterior. Em seguida, convide-os para fazer uma leitura silenciosa de outros significados poéticos.

✓ Leia os significados em voz alta. Sugerimos que cada aluno leia uma definição.

✓ Discuta com os alunos e deixe que eles expressem sua opinião sobre os verbetes.

✓ Em seguida, proponha a seguinte reflexão:

- Vocês já pensaram que certas definições apresentadas nos dicionários não dão conta de representar os sentimentos que envolvem determinadas palavras? Vocês conseguem pensar em palavras cujos significados propostos pelos dicionários são insuficientes para exprimir as emoções que as envolvem?
- Vamos buscar exemplos dessa insuficiência? Que palavras seriam essas? Se fôssemos produzir um dicionário poético da nossa turma, que palavras vocês gostariam de redefinir?

Professor(a), sugerimos que sejam levados dicionários para a sala de aula, a fim de que os alunos possam buscar exemplos de insuficiência de algumas definições.

- Escreva no quadro as palavras sugeridas pela turma e peça para os alunos também anotarem.

Professor(a), você pode começar essa tarefa sugerindo algumas palavras. Exemplos:

Amizade, namoro, escola, morte, preconceito, beleza, arte, família, sono, ler, etc.

AULA 3
DICIONÁRIO POÉTICO

Nesta aula, produziremos verbetes de um dicionário poético.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada em semicírculo para facilitar a interação entre os estudantes.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- Leia atentamente e analise o texto e as propostas orientadoras de leitura e checagem de informações. Se julgar necessário, elabore mais questões ou propostas.

DURANTE A AULA

- Retome com os alunos a lista de palavras sugeridas por eles para a composição de um dicionário poético da turma. Em seguida, apresente a seguinte proposta de produção.

Nas últimas aulas, vimos que as palavras podem ter um significado objetivo, conforme propõem os dicionários, mas também podem ter um significado poético, repleto de afetos e de sensibilidade. Nossa tarefa agora será a de produzir um dicionário poético da turma. Para isso, escolha **cinco palavras** da nossa lista e escreva um significado poético para cada uma delas. A versão final de nosso dicionário será disponibilizada na biblioteca da escola para que os outros alunos tenham acesso.

Acompanhe a produção dos alunos e oriente-os a reescrever os significados que não estiverem de acordo com a proposta.

Professor(a), você pode aproveitar esse momento para apresentar algumas figuras de linguagem (como metáfora, metonímia, sinestesia, etc.) e pedir que os alunos as utilizem em suas produções.

- Para enriquecer o trabalho, os alunos podem selecionar imagens poéticas para ilustrar cada um dos verbetes.

- Após a escrita, revisão e reescrita, defina com os alunos alguns critérios para selecionar os verbetes que farão parte do dicionário.
- Por fim, compile os significados poéticos, organize-os em ordem alfabética e proponha uma forma de encadernar o material para ser entregue na biblioteca. Pense também em uma capa e envolva os alunos nesse processo de produção do dicionário. Sugerimos que esse momento seja compartilhado com outras turmas.

Professor(a), no volume 4 de nossos cadernos você encontra um tutorial para a produção de um zine encadernado apenas com corte e dobra.

Língua Portuguesa - Fundamental 2 - v. 4
Situação de aprendizagem 3, p. 79.
Acesse em: **bit.ly/v4fund2**.

- Você pode propor um momento festivo para o lançamento do dicionário poético da turma.

AVALIAÇÃO

Para avaliar a realização desta situação de aprendizagem, observe:

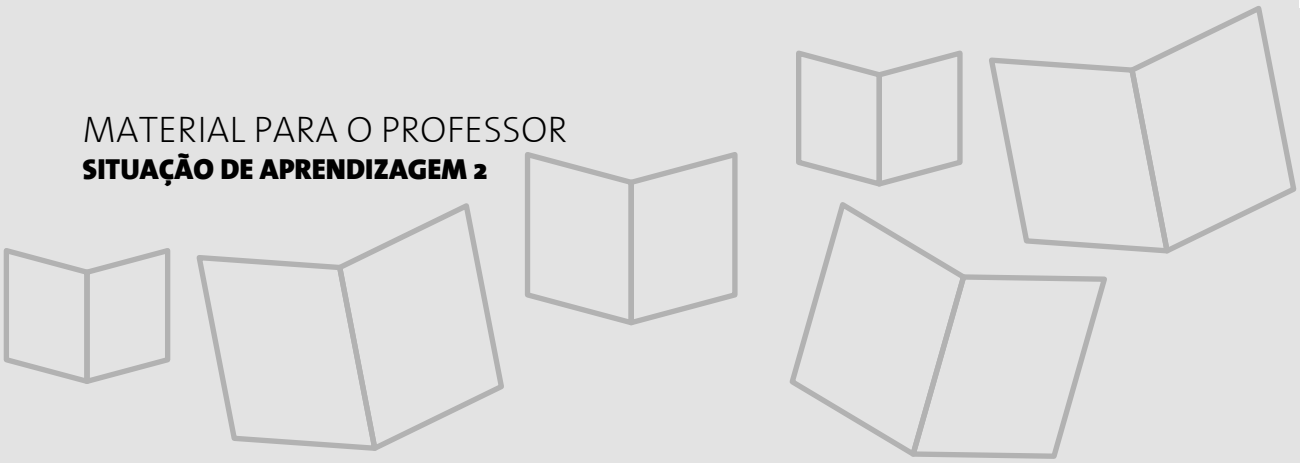
- Os alunos se envolveram durante o desenvolvimento das atividades?
- As atividades motivaram e desafiaram os alunos?
- Os alunos produziram os significados poéticos?
- Os alunos utilizaram figuras de linguagem ou se expressaram conforme o gênero produzido?

Para analisar essas e outras questões, professor(a), é interessante ter sempre em mãos uma pauta de observações com espaço para anotações e comentários.

Identifique os estudantes que possuem mais dificuldades e os aspectos sensíveis na sua aprendizagem, de modo a poder orientá-los de forma mais personalizada e trazendo propostas direcionadas ao desenvolvimento desses aspectos para a turma. Aponte também quais são os estudantes que apresentam facilidade no conteúdo e que poderiam contribuir com os colegas. Propor atividades de colaboração entre pares é uma excelente estratégia para fomentar a aprendizagem.

Lembre-se de registrar as ações e de inserir os registros no portfólio da turma.

MATERIAL PARA O PROFESSOR
SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2



AULA 1
A POESIA ESTÁ NO AR

TEM TUDO A VER | *Elias José*

A poesia
tem tudo a ver
com tua dor e alegrias,
com as cores, as formas, os cheiros,
os sabores e a música
do mundo.
A poesia
tem tudo a ver
com o sorriso da criança,
o diálogo dos namorados,
as lágrimas diante da morte,
os olhos pedindo pão.
A poesia
tem tudo a ver
com a plumagem, o voo e o canto,
a veloz acrobacia dos peixes,
as cores todas do arco-íris,
o ritmo dos rios e cachoeiras,
o brilho da lua, do sol e das estrelas,
a explosão em verde, em flores e frutos.
A poesia
- é só abrir os olhos e ver -
tem tudo a ver com tudo.

JOSÉ, Elias. Tem tudo a ver. In: _____. *Segredinhos de amor*.
2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

SIGNIFICADOS POÉTICOS PARA SEREM AFIXADOS NAS PAREDES

mentira "A mentira é uma verdade que se esqueceu de acontecer". Mario Quintana	**mãe** "É aquilo que dá vontade de gritar quando a gente não sabe o que fazer." Adriana Falcão
luar "O luar é a luz do sol que está dormindo." Mario Quintana	**lucidez** " É quando o pensamento não está fora de foco." Adriana Falcão
amor "Um paraíso de momentos bons ao seu lado." Ewerton	**romance** "Caso de amor muito bem encadernado." Adriana Falcão
criatividade "Explosão de ideias que inspira o mundo a se reinventar." Ewerton	**silêncio** "Quando os ruídos estão sem assunto." Adriana Falcão
abraço "Lugar mais quente e relaxante de onde não queremos sair nunca mais." Erick	**ternura** "É amor com recheio de goiaba." Adriana Falcão
generosidade "É doar uma flor para a vida." Jéssica	**engano** "Quando era para ser, mas não era." Adriana Falcão
amizade "Amizade é uma alma com dois corpos." Aristóteles	**morte** "É um lembrete de que a vida acaba e não tem volta." Erick
beleza "É algo que só existe nas pessoas que fazem o bem." Isabelle	**estímulo** "Um cutucão na vontade." Adriana Falcão
alegria "É quando os humores explodem dentro de uma pessoa." Alexia	**sorriso** "É a roupa mais bonita do nosso rosto." João Doederlein

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIA DESTA PÁGINA EM PAPEL COLORIDO E RECORTE OS CARTÕES.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIA DESTA PÁGINA EM PAPEL COLORIDO E RECORTE OS CARTÕES.

mãe*(s.f.)*

termo usado para designar um coração capaz de amar infinitamente. é sentir por dois, sorrir por dois, sofrer por dois. é dar o melhor de si, duas vezes. é aquela que cura com um abraço. que sara machucado com um beijo.

aquela quem deu ~~à luz~~ **amor.**

(JOÃO DOEDERLEIN)

namorar*(v.t.)*

é ter um(a) parceiro(a) de crime pra esse crime que é viver. é planejar mais viagens do que dias disponíveis. é matar as borboletas na barriga (e descobrir depois que elas nunca morrem). é pedir pra ficar junto no *chat* de madrugada. é fazer poesia sem ser poeta. é roubar blusas e casacos.

~~na.mo.rar~~ é **morar na** vida de outro alguém.

(JOÃO DOEDERLEIN)
@akapoeta

cachos*(s.m.)*

é um emaranhado de beleza. é quando seu cabelo vira mar. é um convite pra carinho. são seus fios fazendo as curvas de um sorriso. é um cabelo volumoso de amor. é autoafirmação. são os anéis que entrelaçam os meus dedos e pedem meu cafuné em casamento.

é quando a raíz do seu cabelo floresce cultura.

(JOÃO DOEDERLEIN)
@akapoeta

insegurança*(s.f.)*

é quando eu não me acho o suficiente pra você. é abrir sua conversa no whatsapp e escrever a mesma mensagem de dez jeitos diferentes *(e não enviar nenhuma)*. é quando eu acho que estou incomodando alguém que eu gosto, e que ela iria preferir estar com qualquer outra pessoa no mundo que não eu. é o que às vezes faz com que eu me sinta um peso. um ladrão de horas. é a timidez frustrando os planos da minha vida.

é só o medo de perder quem eu nunca tive.

(JOÃO DOEDERLEIN)
@akapoeta

lágrima*(s.f.)*

é amostra grátis do mar. é às vezes fragmento de tristeza, às vezes de alegria. é quando a nossa alma chove pra fora do corpo. é quem te invade o rosto sem pedir licença. é prova da nossa humanidade. sensível ao toque.

é quando nosso espírito racha e a gente vaza.

(JOÃO DOEDERLEIN)
@akapoeta

pijama*(s.m.)*

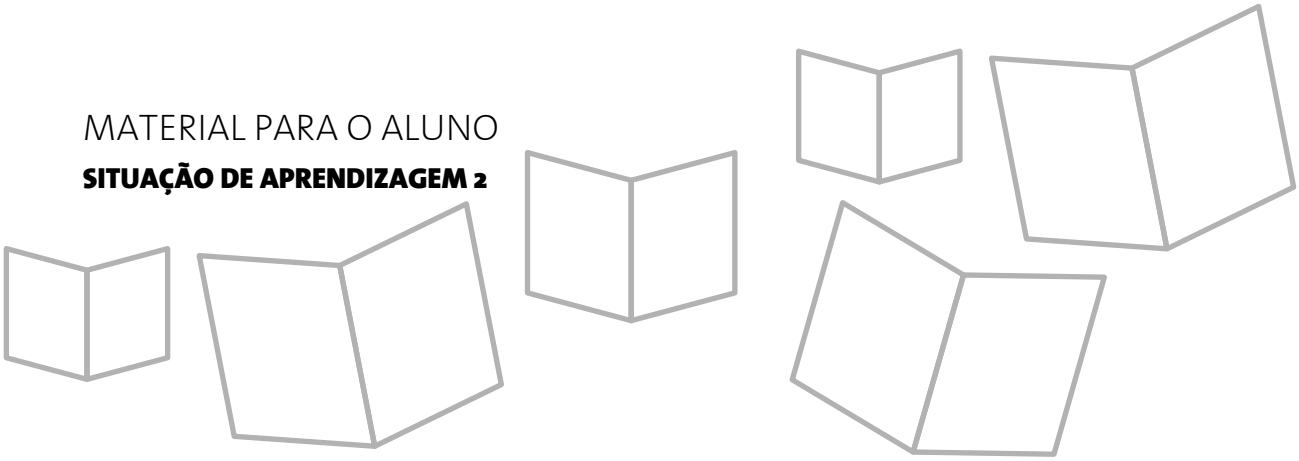
é quem toma banho de insônia com a gente. é fogueira de uma noite fria. é a festa perfeita entre amigos perfeitos. é o uniforme das preguiçosas manhãs de sábado *(e domingo)*. é companheiro de noites tranquilas. é quem, junto do travesseiro, já segurou lágrimas de um dia difícil. abacaxi, gatinho, super herói, desenho animado, de bolinhas, vermelho, rosa ou só a roupa de baixo. às vezes: meias. sinônimo de conforto. é quem persiste com a gente, velho, rasgado ou furado.

é abraço que se veste.

(JOÃO DOEDERLEIN &
ISABELLA GONÇALVES)
@amargoemeio @akapoeta

MATERIAL PARA O ALUNO

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2



AULA 1
A POESIA ESTÁ NO AR

Leia atentamente o texto a seguir.

TEM TUDO A VER | *Elias José*

A poesia
tem tudo a ver
com tua dor e alegrias,
com as cores, as formas, os cheiros,
os sabores e a música
do mundo.
A poesia
tem tudo a ver
com o sorriso da criança,
o diálogo dos namorados,
as lágrimas diante da morte,
os olhos pedindo pão.
A poesia
tem tudo a ver
com a plumagem, o voo e o canto,
a veloz acrobacia dos peixes,
as cores todas do arco-íris,
o ritmo dos rios e cachoeiras,
o brilho da lua, do sol e das estrelas,
a explosão em verde, em flores e frutos.
A poesia
- é só abrir os olhos e ver -
tem tudo a ver com tudo.

JOSÉ, Elias. Tem tudo a ver. In: _____. *Segredinhos de amor*.
2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

AULA 2
SIGNIFICADOS POÉTICOS

Leia atentamente os textos a seguir.

PEQUENO DICIONÁRIO DE PALAVRAS AO VENTO | *Adriana Falcão*

A

ACEITAÇÃO – Pensar "então tá bom" em vez de "já que tem que ser assim".
ADOLESCENTE – Toda criatura que tem fogos de artifício dentro dela.

B

BEIJO – Um carimbo que serve para mostrar que a gente gosta daquilo.
BELO – Tudo que faz os olhos pensar que são coração.

C

CALMA – Quando as agonias dormem profundamente dentro da gente.

D

DOR – É tudo aquilo que dá vontade de dizer «ai» lá de dentro do peito, topada, perda, cascudo ou abandono.
DESCULPA – Uma frase que pretende ser um beijo.

E

ENGANO – Quando era para ser, mas não era.
ESTÍMULO – Um cutucão na vontade.

F

FIDELIDADE – Um trato que você faz com você mesmo de cumprir os tratos que você fez com os outros.

G

GENTE – É carne, osso, alma, sentimento, tudo isso ao mesmo tempo.

H

HARMONIA – Quando os olhos, os ouvidos, a boca e o coração sorriem ao mesmo tempo.

I

IDADE – Aquilo que você tem certeza que vai ganhar de aniversário, queira ou não queira.

J

JOANINHA – Bichinho que deve ter nascido num dia em que a Criação estava especialmente bem-humorada.

L

LOUCURA – É coisa que quem não tem só pode ser completamente louco.

M

MÃE – É aquilo que dá vontade de gritar quando a gente não sabe o que fazer.
MATURIDADE – Quando o enredo da pessoa se depara com sua trama central.

N

NAMORO – É quando o universo inteiro em volta importa menos que o abraço.

O

OUSADIA – É quando o coração diz para a coragem «vá» e a coragem vai mesmo.

P

PAIXÃO – Quando apesar da palavra "perigo" o desejo vai e entra.
PREOCUPAÇÃO – É uma cola que não deixa o que não aconteceu ainda sair do seu pensamento.

Q

QUASE – É o coringa de toda incerteza.

R

RANCOR – Quando o fundo do coração não consegue dizer "deixa pra lá".
RECORDAÇÃO – Quando um pedacinho do passado volta ainda mais enfeitado.

S

SENTIMENTO – A língua que o coração usa quando precisa mandar algum recado.
SAUDADE – Quando o momento tenta fugir da lembrança para acontecer de novo e não consegue.
SILÊNCIO – Quando os ruídos estão sem assunto.

T

TERNURA – É amor com recheio de goiaba.

U

URBANO – Sem vacas.
URGENTE – Algo que não dá tempo de fazer xixi primeiro.

V

[sinal de "V" com os dedos] – Paz e Amor.

X

XÔ – Única palavra do dicionário das aves traduzida para o português.

Z

ZEN – Quem consegue não enlouquecer mesmo sem tomar calmante.

ZURETA – Como a cabeça fica ao final de um dicionário inteiro.

Adaptado de FALCÃO, Adriana. *Pequeno dicionário de palavras ao vento*.
São Paulo: Planeta, 2003.

SIGNIFICADOS POÉTICOS | *Autoria desconhecida*

Anão: é quem não sabe deixar o amor crescer.

Cego: é aquele que não vê seu próximo morrer de frio, de fome, de miséria e só tem olhos para seus míseros problemas e pequenas dores.

Diabético: é quem não consegue ser doce.

Louco: é quem não procura ser feliz com o que possui.

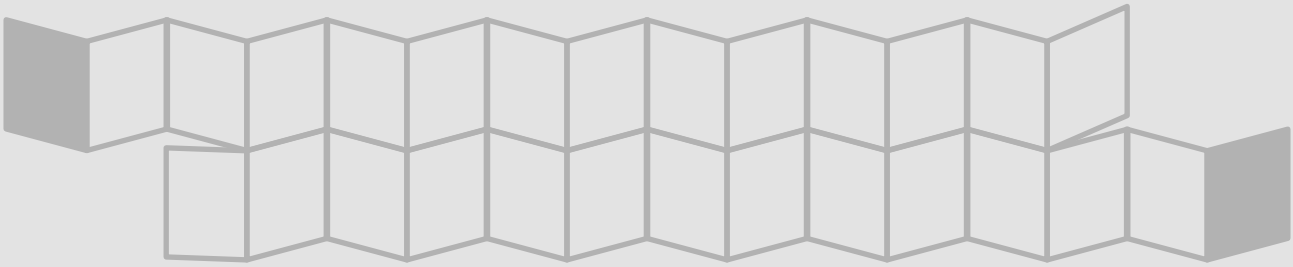
Miseráveis: são todos que não conseguem falar com Deus.

Mudo: é aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás da máscara da hipocrisia.

Paralítico: é quem não consegue andar na direção daqueles que precisam de sua ajuda.

Saudade: é o que faz as coisas pararem no Tempo.

Surdo: é aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo, ou o apelo de um irmão, pois está sempre apressado para o trabalho e quer garantir seus tostões no fim do mês.



9.3 | SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3 | **PLANTANDO JUNTO**

Nesta atividade, vamos ler textos diversos relacionados ao meio ambiente e refletir sobre sustentabilidade. Como produção textual, os alunos irão elaborar infográficos e *folders*.

OBJETIVO GERAL

- Propor momentos de exposição oral e a produção de infográficos e *folders* sobre os temas sustentabilidade, plantio e cultivo consciente.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Promover debate acerca de expressões relacionadas ao meio ambiente;
- refletir sobre sustentabilidade;
- compartilhar textos lidos em pequenos grupos;
- promover um ambiente de compartilhamento de experiências, produções e conhecimentos;
- estimular os alunos ao plantio de uma horta coletiva na escola e/ou comunidade.

COMPETÊNCIAS A SEREM DESENVOLVIDAS (BNCC, 2017)

- Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
- Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

- (EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento, etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade

relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/alterando efeitos, ordenamentos, etc.

- ✓ (EF69LP33) Articular o verbal com os esquemas, infográficos, imagens variadas, etc. na (re) construção dos sentidos dos textos de divulgação científica e retextualizar do discursivo para o esquemático – infográfico, esquema, tabela, gráfico, ilustração, etc. – e, ao contrário, transformar o conteúdo das tabelas, esquemas, infográficos, ilustrações, etc. em texto discursivo, como forma de ampliar as possibilidades de compreensão desses textos e analisar as características das multissemioses e dos gêneros em questão.
- ✓ (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.
- ✓ (EF67LP22) Produzir resumos, a partir das notas e/ou esquemas feitos, com o uso adequado de paráfrases e citações.
- ✓ (EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário, etc. Procedimentos de apoio à compreensão Tomada de nota.
- ✓ (EF67LP24) Tomar nota de aulas, apresentações orais, entrevistas (ao vivo, áudio, TV, vídeo), identificando e hierarquizando as informações principais, tendo em vista apoiar o estudo e a produção de sínteses e reflexões pessoais ou outros objetivos em questão.

TEMPO

4 aulas.
As aulas 1 e 2 dever ser preferencialmente geminadas, bem como as aulas 3 e 4.

AÇÕES

1 | Leitura e discussão de textos.

2 | Produção de infográficos.

3 | Exibição de vídeos.

4 | Elaboração de *folders*.

RECURSOS DIDÁTICOS

Para a ação 1 | Cópias dos textos disponibilizados no Material para o Aluno.

Para a ação 2 | Formulário para produção textual (em folhas A4).

Para a ação 3 | TV ou projetor multimídia e *pendrive* com os vídeos disponíveis em **bit.ly/planteiumbroto** e **bit.ly/planteiumbroto2**.

Para a ação 4 | Formulário para produção textual (em folhas A4).

CONHECENDO A ATIVIDADE

Essa atividade propõe a leitura de textos relacionados ao meio ambiente e à sustentabilidade, a prática de exposição oral e a elaboração de infográficos e *folders*.

AULAS 1 E 2
E SE A GENTE PLANTASSE?

Nestas aulas, os alunos lerão textos sobre os temas biodiversidade, agrotóxicos, compostagem, alimentos orgânicos e horta comunitária, com o intuito de participarem de atividade em grupo.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada, inicialmente, em semicírculo para facilitar a discussão e o envolvimento da turma. Após a discussão inicial, os alunos se reunirão em cinco grupos de trabalho.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- Leia atentamente e analise o texto e as propostas orientadoras de leitura e checagem de informações. Se julgar necessário, elabore mais questões ou propostas.
- Reproduza para os alunos os textos do Material para o Aluno e/ou outros de sua escolha.
- Reproduza também o quadro para síntese dos tópicos abordados pelos grupos, disponível no Material para o Aluno.

DURANTE A AULA

- Inicie a aula conversando com os alunos sobre a importância do meio ambiente. Estimule-os a relatar experiências pessoais a respeito. Participe também e conte alguma lembrança que você tenha sobre a natureza.
- Em seguida, divida a turma em cinco grupos e entregue aos componentes de cada grupo um texto constante do Material para o Aluno. Cada aluno deverá receber uma cópia do texto destinado ao seu grupo.
- Convide a turma a ler os textos silenciosamente.
- Na sequência, proponha que os componentes de cada grupo discutam entre si as principais ideias do respectivo texto lido.
- Reorganize a turma em novos grupos, de modo que um representante de cada grupo anteriormente organizado faça parte de um grupo diferente agora. É importante que, em cada novo grupo, haja pelo menos um representante de cada temática estudada nos textos lidos na primeira parte da aula.
- Entregue aos alunos o quadro constante do Material para o Professor para ser preenchido.
- Solicite que cada aluno compartilhe com os demais colegas de seu novo grupo as principais ideias relacionadas ao texto lido. Cada um deverá, então, completar o quadro com as informações aprendidas com os colegas. Feito isso, organize uma discussão coletiva.
- Solicite que a turma elabore infográficos com as principais ideias abordadas nos textos lidos. Os alunos deverão buscar correlacionar as informações dadas.
- Ao término das produções, cada grupo fará a exposição de seus infográficos para a turma.

Professor(a), caso sua turma ainda não tenha trabalhado com o gênero infográfico, sugerimos que você leve exemplos para facilitar o entendimento.

Abaixo você encontra dois materiais para consulta. Veja também o passo a passo no Material para o Professor.

https://neilpatel.com/br/blog/como-criar-infograficos

https://lucianolarrossa.com/sites-e-aplicativos-para-criar-infograficos

AULAS 3 E 4
HORTA COLETIVA

Nestas aulas, professor e alunos assistirão a dois vídeos, participarão de discussão coletiva e produzirão um *folder* explicativo sobre as vantagens de haver uma horta coletiva na escola ou na comunidade.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada em semicírculo para facilitar a discussão e o envolvimento dos alunos.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- Leia atentamente e analise o texto e as propostas orientadoras de leitura e checagem de informações. Se julgar necessário, elabore mais questões ou propostas.
- Separe os materiais necessários para a exibição dos vídeos.

DURANTE A AULA

- Inicie a aula retomando rapidamente os temas dos infográficos produzidos pela turma no encontro anterior. Em seguida, conduza um debate acerca das vantagens e desvantagens de se plantar uma horta em casa.
- Convide a turma a assistir aos vídeos selecionados para a atividade e abra possibilidade para discussão das ideias neles apresentadas, conforme roteiro do Material para o Professor.
- Proponha a elaboração de um *folder* com os passos para se plantar na casca do ovo.

Professor(a), caso a turma se sinta motivada, convide os alunos a colocarem em prática o plantio em cascas de ovo. Você pode dividir os alunos em grupos e cada um ficar responsável pelo plantio de um tipo de muda: plantas para tempero, plantas suculentas, plantas ornamentais, verduras, etc.

Os alunos poderão fazer pesquisas sobre a melhor forma de cultivar as plantas que escolheram plantar. Além disso, poderão registrar todo o processo de evolução das plantas em um diário, contendo dados como: data de plantio, adubo utilizado, tempo em que surgiu a muda, dificuldades encontradas, impressões pessoais sobre o processo de cultivo, etc.

AVALIAÇÃO

Para avaliar a realização desta situação de aprendizagem, observe:

- Os alunos se envolveram durante o desenvolvimento das atividades?
- As atividades motivaram e desafiaram os alunos?

Em relação ao **debate** gerado nas Aulas 1 e 2, observe se os alunos:

- envolveram-se durante o desenvolvimento das atividades;
- compreenderam a importância da colaboração;
- apresentaram uma retomada coerente e com boa informatividade dos textos lidos;
- fizeram exposições orais atentando para elementos como: postura, impostação de voz, gesticulação e informatividade.

Em relação às **produções textuais**, observe se os estudantes:

- produziram infográficos e *folders* conforme as características de cada gênero;
- apresentaram informatividade nas produções;
- foram coerentes com os dados apresentados nos textos lidos e nos vídeos exibidos;
- atentaram-se para o uso da norma culta da língua.

Para analisar essas e outras questões, professor(a), é interessante ter sempre em mãos uma pauta de observações com espaço para anotações e comentários.

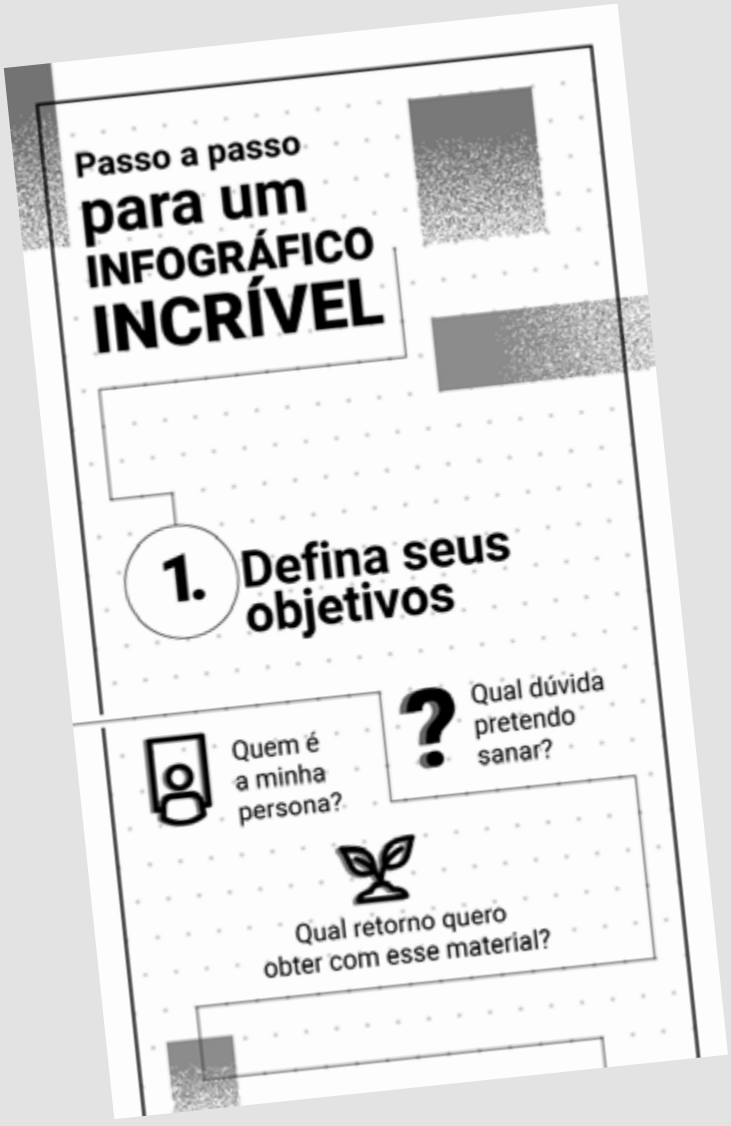
Identifique os estudantes que possuem mais dificuldades e os aspectos sensíveis na sua aprendizagem, de modo a poder orientá-los de forma mais personalizada e trazendo propostas direcionadas ao desenvolvimento desses aspectos para a turma. Aponte também quais são os estudantes que apresentam facilidade no conteúdo e que poderiam contribuir com os colegas. Propor atividades de colaboração entre pares é uma excelente estratégia para fomentar a aprendizagem.

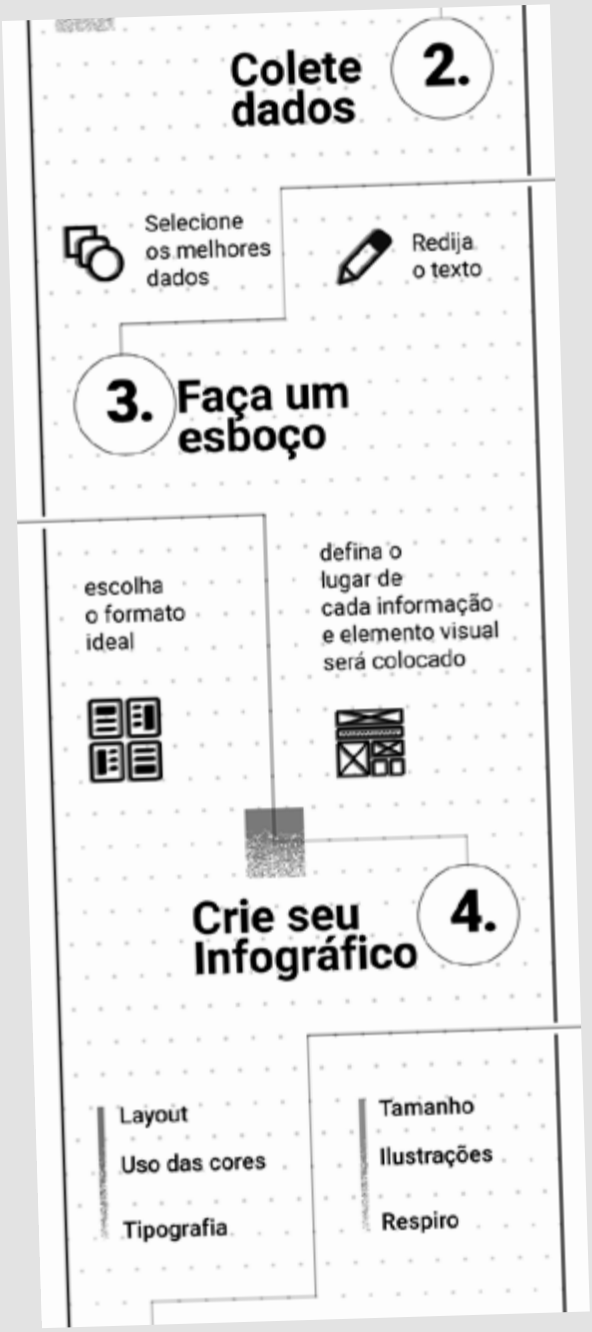
Lembre-se de registrar as ações e de inserir os registros no portfólio da turma.

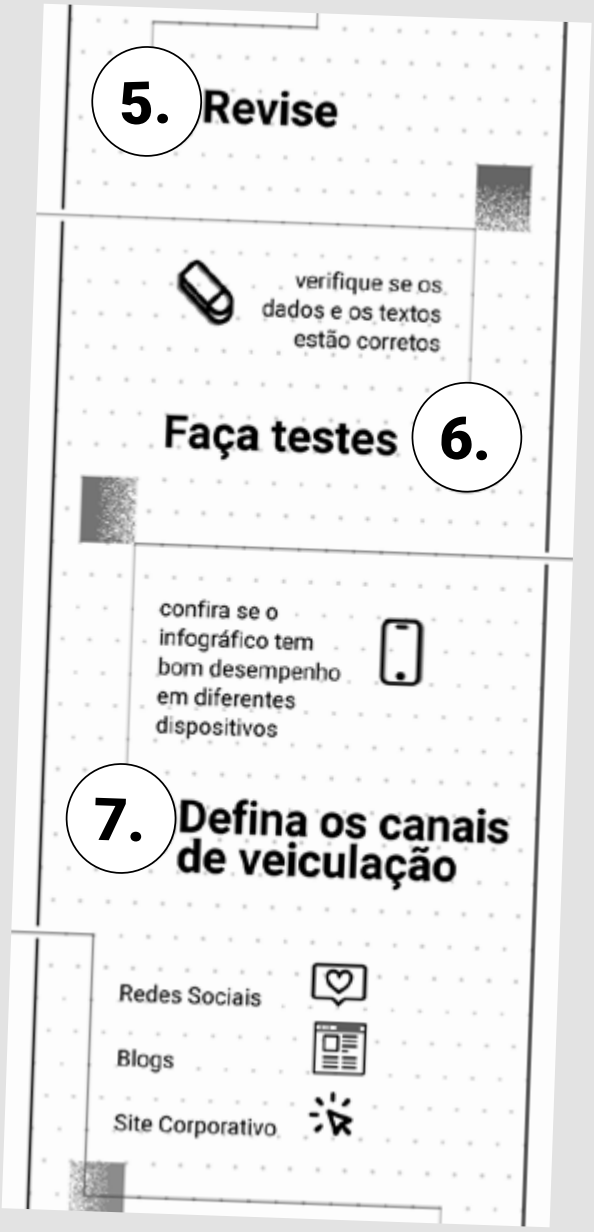
MATERIAL PARA O PROFESSOR
SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3

AULAS 1 E 2
E SE A GENTE PLANTASSE?

EXEMPLO DE ROTEIRO PARA CRIAR UM INFOGRÁFICO







Adaptado de CHAGAS, Zuk. Aprenda o que é e como fazer um Infográfico incrível! *Rock Content*, 11 abr. 2019. Disponível em: <https://rockcontent.com/blog/como-fazer-um-infografico>. Acesso em: 20 out. 2019.

AULAS 3 E 4
HORTA COLETIVA

ROTEIRO DE LEITURA | **TODOS OS TEXTOS**

ANTES DA LEITURA

Proponha aos alunos as seguintes perguntas:

Vocês acham importante cuidar da natureza?

Vocês sabem o que significam os termos "alimentos orgânicos", "biodiversidade", "agrotóxicos" e "economia sustentável"?

Vocês já tiveram a experiência de plantar alguma vez? Como foi?

Converse com os alunos: Hoje vamos ler textos que falam sobre esses temas discutidos e depois participaremos de um debate. Também produziremos infográficos a partir das informações exploradas em nossa aula.

ROTEIRO DE DISCUSSÃO | **VÍDEOS**

ANTES DA EXIBIÇÃO DO VÍDEO

Converse com os alunos e proponha questões como:

De onde vêm as frutas, os legumes e verduras que vocês comem?

Vocês já pensaram nas vantagens de plantar em casa?

Vamos assistir a dois vídeos sobre o cultivo de uma forma diferente. Enquanto assistem, busquem respostas para as seguintes perguntas:

O que as pessoas do vídeo plantam?

Como elas procedem nesse plantio?

De onde surgiu a ideia de plantar dessa forma?

O que é feito com as mudas depois?

Como vocês avaliam a ideia apresentada?

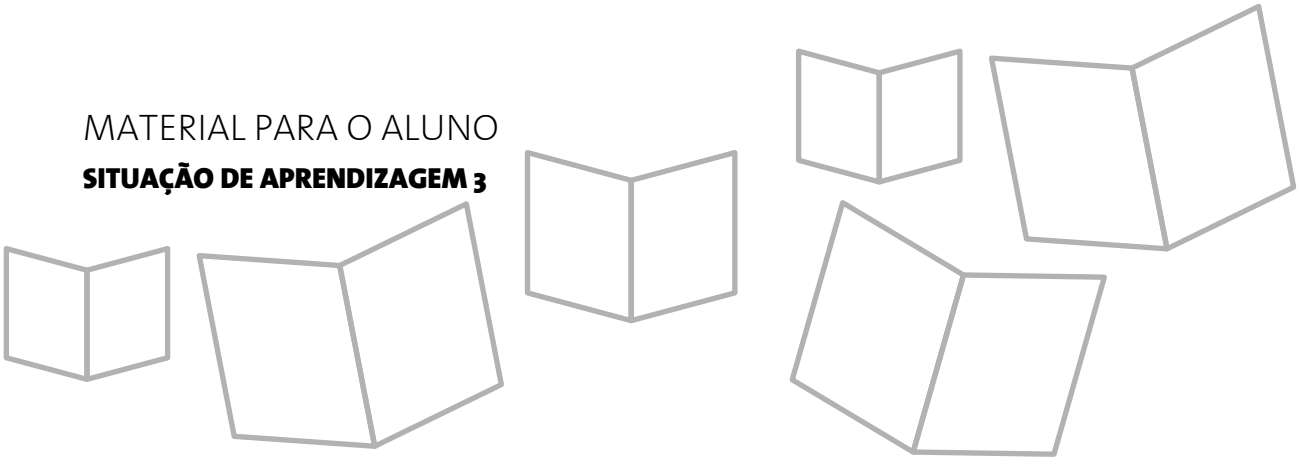
Seria possível desenvolver um projeto assim?

Que benefícios a iniciativa de plantar dessa forma traria para nossa comunidade?

Após a exibição dos vídeos e discussão, proponha a elaboração, em grupos, dos *folders* com o tema: **Como plantar uma horta na casca do ovo**.

MATERIAL PARA O ALUNO

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3



AULAS 1 E 2
E SE A GENTE PLANTASSE?

TEXTO 1
Leia atentamente o texto a seguir.

O que é biodiversidade? | *Vanessa dos Santos*

O que é biodiversidade? Esse termo faz referência à variedade genética e de funções ecológicas desempenhadas pelas diferentes espécies.

O termo biodiversidade é amplamente conhecido e divulgado, principalmente quando o assunto é **preservação ambiental.** Esse termo foi criado em 1985 a partir da junção das palavras "diversidade" e "biológica" e, posteriormente, em 1986, foi utilizado em um relatório apresentado pelo entomologista E.O. Wilson. A partir daí, a palavra biodiversidade tornou-se conhecida mundialmente, sendo até hoje utilizada em referência à vida no planeta.[1]

→ O QUE É BIODIVERSIDADE?

Como o próprio nome indica, biodiversidade trata da diversidade de vida em todos os ecossistemas existentes, seja no mais profundo oceano, seja no topo das mais altas montanhas. Ela é usada em referência **não apenas ao número de organismos existentes,** como também à variedade genética e de funções ecológicas desempenhadas pelas diferentes espécies.

De acordo com o Artigo 2 da Convenção sobre Diversidade Biológica, a biodiversidade pode ser definida como: *"a variabilidade de organismos vivos de todas as origens, compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas."*

→ PERDA DA BIODIVERSIDADE

A perda da biodiversidade é um problema que vem ocorrendo em todo o mundo, em especial nas regiões tropicais do globo. A diminuição da variedade de vida no planeta pode trazer

1 Esta atividade foi baseada na atividade Plantar, brotar e conscientizar, elaborada pelo Projeto Redigir, da Faculdade de Letras da UFMG. Veja em: <www.redigirufmg.org>.

consequências graves, uma vez que uma espécie que entra em extinção coloca em risco várias outras, uma vez que um organismo não vive isoladamente.

Um dos maiores responsáveis pela perda da biodiversidade é o próprio homem, que, em sua procura incessante por desenvolvimento e expansão de territórios, afeta negativamente o meio ambiente. Entre os **principais processos responsáveis pela perda de diversidade biológica,** podemos citar a destruição de habitat, exploração exagerada de espécies animais e vegetais, introdução de espécies exóticas, ampliação da agropecuária, poluição e mudanças climáticas.

→ CONVENÇÃO SOBRE DIVERSIDADE BIOLÓGICA

A Convenção sobre Diversidade Biológica é um tratado da Organização das Nações Unidas que foi criado na ECO-92. Esse tratado entrou em vigor em dezembro de 1993, com a assinatura de mais de 160 países, e trata de importantes questões ambientais, como a conservação das espécies, desenvolvimento sustentável e a divisão dos benefícios gerados a partir do uso dos recursos genéticos. É essa convenção que norteia a elaboração de políticas relacionadas com o meio ambiente.

Curiosidade: *O Brasil assinou a Convenção sobre Diversidade Biológica em 5 de junho de 1992.*

SANTOS, Vanessa Sardinha Dos. O que é biodiversidade? *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/biologia/o-que-e-biodiversidade.htm>. Acesso em: 3 set. 2019.

TEXTO 2
Leia atentamente o texto a seguir.

COMPOSTAGEM: O QUE É, COMO FUNCIONA E COMO FAZER | *Nathan Rodrigues*

A compostagem é uma ótima solução para reduzir o volume de resíduos domésticos que são encaminhados para os aterros e geram prejuízos.

A compostagem é uma saída para lá de sustentável se você pretende dar um outro fim ao lixo orgânico produzido em casa. A técnica, que vem ganhando cada vez mais adeptos pelo mundo, consiste na reciclagem de resíduos (sobras de frutas e legumes e alimentos em geral, trapos de tecido, serragem, entre outros), promovida por seres invertebrados, como as minhocas, e microorganismos que transformam os restos em um adubo de ótima qualidade.

Esse sistema de decomposição e reciclagem de alimentos, embora tenha ganho mais notoriedade nos últimos anos, é bem antiga. Na China, por exemplo, a compostagem é utilizada há alguns séculos, assim como na Europa. No entanto, o método só ficou conhecido no Ocidente por conta das experiências do botânico inglês Albert Howard, o pai da Agricultura. Nos anos de 1920, ele realizou a técnica utilizando apenas resíduos de uma só natureza, mas chegou à conclusão de que era necessário usar outros tipos.

Nos dias de hoje, em que é cada vez mais necessário pensar no uso consciente dos recursos naturais e na preservação do meio ambiente, a compostagem aparece como uma ótima solução para reduzir o volume de resíduos domésticos que são encaminhados para os aterros e geram mau cheiro, além de liberar gás metano (23 vezes mais destrutivo que o gás carbônico) e chorume (líquido que contamina o solo e as águas).

Só para você ter uma ideia: todo dia, 145 mil toneladas de resíduos orgânicos são jogadas em lixões e aterros controlados na América Latina e no Caribe. Esse montante coloca em risco a saúde e a vida de 170 milhões de pessoas. Os números estão no *Atlas de Resíduos da América Latina*, relatório produzida pela ONU Meio Ambiente.

O QUE É COMPOSTAGEM?

É um processo biológico que acelera a decomposição do material orgânico e é realizado por microorganismos e seres invertebrados, que, em presença de umidade e oxigênio, se alimentam desses resíduos animais e vegetais, devolvendo à terra seus elementos químicos e nutrientes. Assim, dão origem a um composto de excente qualidade, pronto para ser utilizado em hortas, vasos de plantas, jardins ou algum terreno que você tenha disponível.

A compostagem nada mais é, amiga(o), do que uma forma de recuperar os nutrientes dos resíduos orgânicos e devolvê-los ao ciclo natural, enriquecendo o solo para agricultura ou jardinagem. Um dos métodos mais antigos de reciclagem.

O QUE É UMA COMPOSTEIRA?

Todo esse processo de degradação dos restos de alimentos e materiais vegetais precisa acontecer em algum lugar, certo? Pois então. A composteira é o local onde você vai colocar o lixo

orgânico e deixar a mágica acontecer. Ela é prática, higiênica e de fácil uso, não produz cheiro e nem atrai insetos e animais indesejados.

Para quem olha, à primeira vista, pode até pensar que a composteira é uma pilha de lixo orgânico. Está longe de ser isso. Lembre-se sempre que a compostagem é um modo de fornecer as condições adequadas aos microorganismos para que esses degradem a matéria orgânica e disponibilizem nutrientes para as plantas.

COMO FAZER UMA COMPOSTEIRA

Para fazer uma composteira doméstica, é preciso ter três caixas plásticas, além dos restos orgânicos e dos invertebrados ou microorganismos (que, como explicamos anteriormente, farão o trabalho de decomposição). É importante destacar que quanto mais diversificado for o material orgânico, mais rico será o seu adubo.

O QUE DEVO USAR EM UMA COMPOSTEIRA:

- Restos de alimentos, talos e casca de verduras ou frutas;
- Resíduos frescos;
- Serragem e folhas secas;
- Alimentos cozidos ou assados (em pequena quantidade);
- Esterco.

O QUE NÃO DEVO USAR EM UMA COMPOSTEIRA:

- Frutas cítricas (que podem ser usadas para fazer um desinfetante caseiro, por exemplo);
- Fezes de cães e gatos;
- Laticínios;
- Carne (restos de frango, peixe e carne bovina);
- Nozes pretas;
- Derivados de trigo (massa, bolo e pão);
- Muitos tipos de papel (jornal, revista, envelopes, catálogos e papéis de impressão);
- Arroz;
- Serragem de madeira tratada;
- Carvão vegetal;
- Plantas doentes;
- Gorduras;
- Alho e cebola.

RODRIGUES, Nathan. Compostagem: o que é, como funciona e como fazer. Disponível em: <https://www.boavontade.com/pt/ecologia/o-que-e-compostagem>. Acesso em: 3 set. 2019.

TEXTO 3
Leia atentamente o texto a seguir.

PRODUTOS ORGÂNICOS | *Jennifer Fogaça*

Os produtos orgânicos, na linguagem do dia a dia, se referem àqueles produzidos sem o uso de adubos químicos e agrotóxicos. Porém, todos os alimentos contêm compostos orgânicos.

Quando você ouve as palavras **"Química Orgânica"** o que vem à sua mente?

A maioria das pessoas costuma pensar em produtos e principalmente alimentos ditos "naturais", que são então chamados de "orgânicos".

No entanto, o que é um produto orgânico?

No cotidiano, esse termo é usado para se referir a alimentos produzidos sem a adição de adubos químicos e de agrotóxicos. É uma expressão muito empregada pela mídia e seu uso teve início com a ideia de produzir alface e verduras sem esses aditivos químicos, para evitar produtos contaminados e envenenamento.

Com o tempo, porém, essa prática se estendeu a outros produtos, como legumes, frutas, café, vinho, etc. Existem até mesmo produtos orgânicos industrializados.

O preço desses produtos costuma ser maior, mas as vantagens estão no **melhor sabor** e no fato de serem **alimentos mais saudáveis**.

A produção desses alimentos é pouca em comparação a daqueles que são feitos com o uso de aditivos químicos. No entanto, esse ramo tem crescido muito no Brasil e esse tipo de alimento já é considerado oficialmente como uma categoria de produto específico, à parte do convencional, com regulamentos para a sua produção, certificação e comercialização.

No entanto, apesar de esse termo já estar bem fixado na linguagem do dia a dia, se formos entender o que é química orgânica, veremos que as expressões "produtos orgânicos", "hortaliças orgânicas", "legumes orgânicos", etc. têm, sem dúvida, um emprego "forçado". Pois **a química orgânica é o estudo dos compostos do elemento carbono com propriedades características.**

Assim, **todo e qualquer alimento, qualquer que seja seu método de produção, é formado, fundamentalmente, por substâncias orgânicas.** Os compostos orgânicos estão presentes em todos os seres vivos.

Por exemplo, a glicose é um carboidrato que é produzido nas plantas clorofiladas em um processo denominado fotossíntese. Essa substância é um composto orgânico de fórmula molecular $C_6H_{12}O_6$.

Alimentos como arroz, batata, macarrão e farinha são ricos em carboidratos; os óleos vegetais, manteiga e gordura animal possuem lipídios; e a carne, queijo, ovos, presunto e grãos (soja, grão de bico, lentilha, feijão e ervilha) são fontes de proteínas.

A massa do nosso organismo é constituída de 60% de compostos orgânicos, na forma de lipídios, carboidratos e proteínas.

Além disso, **todas as substâncias são químicas, pois a Química estuda a matéria, que é tudo aquilo que ocupa um lugar no espaço.**

Entretanto, na linguagem comum, um aditivo químico é aquele que foi sintetizado em laboratório.

O uso desses termos errados no cotidiano faz com que haja um preconceito referente ao estudo dessa ciência, pois muitos acham que ela só se baseia em produtos feitos em laboratório que

podem gerar efeitos nocivos para o meio ambiente e para a saúde pública; quando na verdade o objetivo real da Química é trazer qualidade de vida.

Por isso, é extremamente importante estudar a Química Orgânica, pois, conforme mostrado neste texto, ela é essencial não somente em relação aos alimentos, mas também para o entendimento da natureza, das propriedades da maioria dos produtos de uso diário (como os remédios e os plásticos), dos artigos corriqueiros dos jornais e para formarmos a nossa própria opinião sobre esses assuntos de interesse global. Enfim, ela faz parte de nossa cultura, de nosso dia a dia, e está presente até mesmo no funcionamento de nosso corpo.

Por Jennifer Fogaça
Graduada em Química

FOGAÇA, Jennifer Rocha Vargas. Produtos Orgânicos. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/quimica/produtos-organicos.htm>. Acesso em: 3 set. 2019.

TEXTO 4
Leia atentamente o texto a seguir.

Afinal, o que são agrotóxicos e como eles podem afetar plantas, humanos e outros seres vivos? | *eCycle*

Os **agrotóxicos** surgiram na Segunda Guerra Mundial, com o propósito de funcionarem como arma química. Com o pós-guerra, o produto passou a ser utilizado como **defensivo agrícola**, ficando conhecido também como **pesticida**, praguicida ou **produto fitossanitário**. Na legislação brasileira, o termo utilizado é **agrotóxico**, apesar de haver tentativas de mudanças.

Desde a década de 1950, com a chamada "Revolução Verde", a produção agrícola sofreu muitas mudanças. O processo agrícola foi modernizado por meio de pesquisas sobre sementes, fertilização do solo e utilização de máquinas no campo. Tudo isso para potencializar a produtividade. Grande parte dessa tecnologia também envolveu o amplo **uso de agrotóxicos**, a fim de controlar pragas de forma a não ter perdas no processo agrícola, já que os **agrotóxicos** têm por função alterar as composições de fauna e flora.

Segundo a Lei n° 7.802/89, "**agrotóxicos** são os produtos químicos, destinados ao uso nos setores de produção, no armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas, nas pastagens, proteção de florestas, nativas ou implantadas, e de outros ecossistemas e também de ambientes urbanos, hídricos e industriais, cuja finalidade seja alterar a composição da fauna ou flora, a fim de preservá-las da ação danosa de seres vivos considerados nocivos, bem como substâncias e produtos empregados como desfolhantes, dessecantes, estimulantes e inibidores de crescimento». Também são considerados **defensivos agrícolas** os reguladores de crescimento.

TIPOS DE AGROTÓXICOS:

- Fungicidas (atinge os fungos);
- Herbicidas (atingem as plantas);
- Inseticidas (atingem insetos);
- Acaricidas (atingem os ácaros);
- Rodenticidas (atingem os roedores).

Existem outros **tipos de agrotóxicos** específicos para distintas finalidades, como controle de larvas, formigas, bactérias e moluscos, entre outros. Também podem estar associados à maneira de ação (se através do contato ou ingestão, por exemplo).

O maior motivo de preocupação com o uso (principalmente o abusivo) dos **agrotóxicos** é o simples fato de eles não somente atingirem determinadas espécies nocivas a uma plantação, mas também outros seres vivos, como abelhas, minhocas, outras plantas e também os seres humanos.

PERIGOS À SAÚDE HUMANA

A maior parte dos casos de **intoxicação por agrotóxicos** se dá pela falta de controle do uso destas substâncias tóxicas e pela falta de conscientização da população com relação aos riscos provocados à saúde humana. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), para cada caso noticiado de **intoxicação por agrotóxicos**, outros 50 não são notificados.

A **intoxicação** pode ocorrer de forma direta (por meio de contato direto, manuseio, aplicação, entre outros) ou indireta (pela ingestão de alimentos ou água contaminados). A ação dos **agrotóxicos** na saúde humana costuma ser nociva, até mesmo fatal.

De acordo com o Hospital Israelita Albert Einstein, as intoxicações e o envenenamento são causados por ingestão, aspiração e introdução no organismo, acidental ou não, de substâncias tóxicas de naturezas diversas. Podem resultar em doença grave ou morte em poucas horas se a vítima não for socorrida em tempo.

Os tipos de **intoxicação por agrotóxicos** são:

AGUDA

Quando a vítima é exposta a altas doses de **agrotóxicos**. Os sintomas são quase imediatos, ou levam poucas horas pra aparecer, sendo eles: dores de cabeça, náusea, sudorese, cãibra, vômitos, diarreia, irritação dos olhos e pele, dificuldade respiratória, visão turva, tremores, arritmias cardíacas, convulsões, coma e morte.

CRÔNICA

Quando a vítima é exposta a doses menores de **agrotóxicos** por um longo período de tempo (meses ou anos). Esse **tipo de intoxicação por agrotóxicos** pode ter consequências graves, como: paralisia, esterilidade, abortos, câncer, danos ao desenvolvimento de fetos, entre outros.

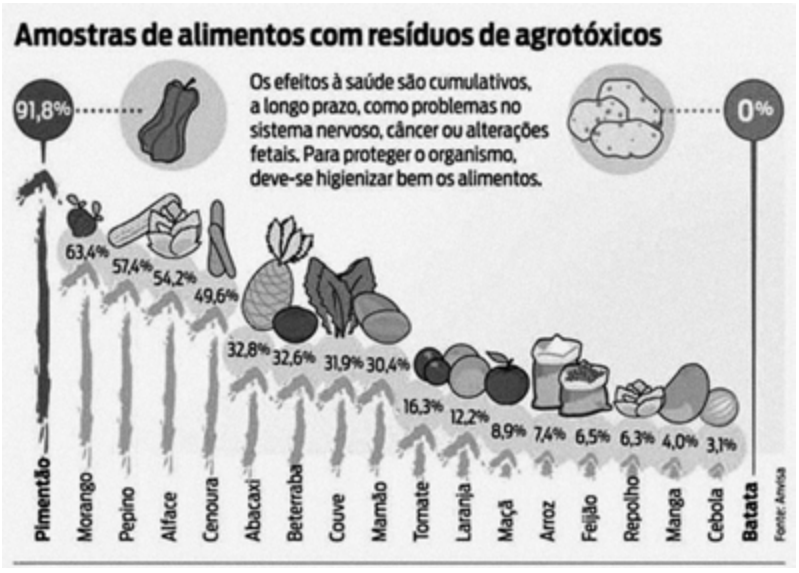
É importante salientar que sintomas inespecíficos, como dores de cabeça, vertigens, falta de apetite, nervosismo e dificuldade para dormir, podem ser associados a diversas doenças, e, muitas vezes, são as únicas manifestações da **intoxicação por agrotóxicos**, razão pela qual infelizmente se torna raro um diagnóstico preciso deste tipo de intoxicação.

AGROTÓXICOS NOS ALIMENTOS

Frutas e vegetais que estão expostos e disponíveis nos mercados têm uma "cara" boa, atrativa, mas não se engane: eles podem esconder em suas cascas uma película de resíduos de **agrotóxicos** usados na lavoura.

Um levantamento realizado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) constatou a presença de organofosforados (um dos **tipos de agrotóxicos** mais comuns, usado como acaricidas, fungicidas, bactericidas e inseticidas, entre outros) em mais da metade das amostras de **alimentos** observadas – sendo que esses compostos podem comprometer o sistema nervoso e provocar problemas cardiorrespiratórios. O estudo destaca também que doenças crônicas não transmissíveis (as desencadeadas por contaminação por **agrotóxicos**) são um grande problema de saúde pública hoje em dia.

Em 2008, 57 milhões de mortes foram declaradas no mundo e (pasme) 63% delas foram decorrentes das ações dos **agrotóxicos**, segundo a OMS. Os **agrotóxicos** são responsáveis também por 45,9% das doenças no mundo.



O ideal seria consumir apenas alimentos cultivados com adubos orgânicos, que utilizem um controle biológico de pragas. Ficou curioso para saber como conseguir **alimentos livres de agrotóxicos**?

AGROTÓXICOS E MEIO AMBIENTE

Os **defensivos agrícolas**, independente da forma de uso, possuem grande potencial de atingir o solo e águas subterrâneas, ainda mais na presença de ventos e chuvas, que facilitam sua chegada, seja qual for o seu percurso, atingindo a humanidade e outros seres vivos.

Grande parte dos **agrotóxicos** são bioacumulativos, ou seja, se um animal contaminado morrer e outro se alimentar deste, também será contaminado. Isso acontece porque o composto permanece no corpo do animal após sua morte, acarretando assim um maior alcance do problema.

Essas substâncias podem causar diversos danos ao **meio ambiente**, uma vez que passam por processos químicos, físicos e biológicos, que levam à modificação de suas propriedades e influenciam em seu comportamento. Os **agrotóxicos** são classificados por cor, de acordo com o seu potencial de contaminação:

Um defensivo de faixa vermelha traz risco mesmo em pouca exposição, seja por tempo ou por dosagem. O de faixa verde também traz risco, mas principalmente se a exposição a ele for por longo tempo ou em altas doses. É importante destacar que a classificação acima não diz nada sobre os efeitos a longo prazo, nem sobre a relação entre **agrotóxicos e meio ambiente**.

AGROTÓXICOS NO BRASIL

O Brasil é o maior consumidor de produtos **agrotóxicos** no mundo. Porém, no *ranking* de **agrotóxicos**aplicados por **alimento** produzido, fica em sexto lugar. O fato de sermos o maior consumidor se dá por ainda usarmos **agrotóxicos** que já foram proibidos em 1985 na União Européia, Canadá e Estado Unidos, pelas sementes melhoradas terem sido preparadas para receberem este tipo de produto, para maior e melhor produtividade, pela falta de fiscalização rigorosa, com produtos sendo lançados por via aérea (aviões) próximo a nascentes de rios, a animais, a casas, sem contar a falta de conscientização da população. Como o Brasil é um país tropical, a incidência de pragas e doenças é maior que em outros países, o que também estimula a grande quantidade de **agrotóxicos** utilizados no país.

ALTERNATIVAS

A alternativa mais efetiva para evitar os riscos do **agrotóxico** ao ser humano e ao meio ambiente é evitá-los, ou até mesmo não usá-los. Isso pode se fazer possível com a adoção de práticas alternativas, como a policultura (que inibe a proliferação de pragas e doenças), a remoção de plantas daninhas, o uso de armadilhas e os controles biológicos (como inserção de predadores naturais das pragas).

A agricultura orgânica, que visa aproximar a produção agrícola com processos ecológicos naturais, não permite defensivos, a não ser os naturais. Sendo assim, é o melhor para a saúde do agricultor e do consumidor, e para o **meio ambiente** de forma geral. Essa prática também promove a economia de água, combustível, recursos financeiros para o produtor, entre outros.

ECYCLE. Afinal, o que são agrotóxicos e como eles podem afetar plantas, humanos e outros seres vivos?. *eCycle*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/3671-agrotoxicos.html>. Acesso em: 3 set. 2019.

TEXTO 5
Leia atentamente o texto a seguir.

As hortas comunitárias | *Annie&John*

As hortas comunitárias são um fenómeno em crescimento enquanto parte integrante das grandes cidades, uma vez que inspiram as populações citadinas a desenvolverem boas práticas alimentares, ambientais e cívicas. Saiba o que são as hortas comunitárias e conheça de que forma é que elas podem unir as pessoas e alterar a paisagem de uma cidade.

O QUE SÃO AS HORTAS COMUNITÁRIAS

As hortas comunitárias são espaços de convívio, de lazer e de aprendizagem que melhoram a qualidade da alimentação das pessoas que se encontram nos centros urbanos. São uma parte ecológica de uma região citadina e, normalmente, estão localizadas em parques ou espaços verdes de lazer. A sua implementação permite a eliminação de terrenos desaproveitados em áreas urbanas e garante a produção de legumes, vegetais e ervas aromáticas ou medicinais para o abastecimento de uma determinada comunidade.

Atualmente, as pessoas estão cada vez mais viradas para a natureza e procuram estar em contacto com a terra. Com a plantação de uma horta comunitária, pode conhecer-se todo o ciclo da natureza: como se cultivam os alimentos que aparecem diariamente na mesa e como é que o lixo que é produzido pelo homem pode ser decomposto e servir de fertilizante orgânico.

Por outro lado, também é muito importante saber de onde vêm os alimentos. Na maioria dos casos, a produção é feita a partir dos princípios da agricultura orgânica, isto é, sem os inseticidas e fungicidas tradicionais (não contêm químicos perigosos), o que garante mais qualidade ao que é produzido. Assim, as pessoas dão mais valor ao que comem e ao que cultivam e mudam os seus hábitos alimentares, tornando-se assim mais saudáveis e conscientes.

De uma forma geral, as hortas comunitárias são instaladas em lotes vagos e a sua produção abastece as famílias ou comunidades que moram perto desses terrenos. Existem vários produtos que podem ser cultivados como: alface, tomate, cebola, rúcula, espinafre, alho, repolho, beterraba, cenoura, entre outras verduras e legumes.

QUAIS OS PRINCIPAIS BENEFÍCIOS DAS HORTAS COMUNITÁRIAS

As hortas comunitárias são espaços de cultivo que oferecem inúmeros benefícios para uma determinada comunidade. Dos mais importantes, destacam-se os seguintes:

- O cultivo de alimentos sempre frescos e à mão de semear. Os alimentos não necessitam de percorrer vários quilómetros para chegar à mesa de uma família ou de uma comunidade, nem precisam de esperar muito tempo para serem consumidos.
- A produção de legumes e vegetais para o consumo de escolas, instituições ou famílias de baixos rendimentos.
- A melhoria da qualidade da alimentação de uma dada comunidade com o consumo de produtos frescos e naturais.
- A possibilidade de ocupar os cidadãos desempregados que moram nos centros urbanos, reduzindo os custos com a mão-de-obra.
- A redução das despesas com a alimentação.

- A hipótese de colocar as mãos na terra e desenvolver uma atividade relaxante que liberte o stress do dia-a-dia.
- A possibilidade de contribuir para a beleza natural e para o desenvolvimento da biodiversidade de uma dada região. Com a plantação de uma horta comunitária numa região citadina, surge todo o tipo de vida animal que dá cor e alegria a um espaço que, possivelmente, estaria subdesenvolvido e subvalorizado.
- A construção de um espaço de convívio e de aprendizagem mútua. Estes espaços são constituídos como locais de formação para jovens e crianças, pois vão fazer com que valorizem a produção nacional e desenvolvam uma maior consciência ambiental.
- A requalificação e a renovação da paisagem urbana e a contribuição para os projetos de inclusão social.
- A hipótese de tornar as cidades mais amigas do ambiente.

Com o passar do tempo, as hortas recebem a participação de todos os membros de uma comunidade, mesmo daquelas pessoas que não são diretamente beneficiadas com a respetiva produção. Muitas vezes, os vizinhos doam sementes para novas plantações e água para os produtores regarem o terreno cultivado. Trata-se de um trabalho coletivo que é praticado e apreciado por todos, no entanto, obriga a muito trabalho ao nível da manutenção.

COMO FAZER UMA HORTA COMUNITÁRIA

Quem tiver interesse em fazer uma horta comunitária deve procurar recolher todo o tipo de informação disponível nas câmaras municipais ou juntas de freguesia da sua região. Muitas autarquias oferecem o acesso a terrenos de cultivo específicos e todo o tipo de incentivos que facilitam a sua produção, como a água para a rega, sementes para a plantação e proteção contra o roubo e vandalismo.

No entanto, se não houver recetividade por parte das respetivas entidades da sua localidade, basta olhar à sua volta, procurar um espaço livre, como um jardim ou terreno abandonado e inutilizado e juntar todas as pessoas que estão interessadas na plantação de uma horta comunitária. Quando as pessoas se unem em prol de um objetivo comum não há força que as derrube e, geralmente, estes projetos são sempre muito bem recebidos por parte das comunidades.

Atualmente, as hortas comunitárias são uma realidade na paisagem das grandes cidades e isso é um fator de união entre todas as pessoas que lutam por algo que é de todos e que beneficia a todos.

ANNIE&JOHN. Afinal, o que são agrotóxicos e como eles podem afetar plantas, humanos e outros seres vivos?. *Enxada*. [s.d.]. Disponível em: <https://enxada.com/artigos/hortas-comunitarias>. Acesso em: 3 set. 2019.

FORMULÁRIO PARA PRODUÇÃO

TEMA	EXTRATO DE INFORMAÇÕES
TEXTO 1	
TEXTO 2	
TEXTO 3	
TEXTO 4	
TEXTO 5	

IMPRESSO EM BELO HORIZONTE, EM JUNHO DE 2020, POR A CRIAÇÃO GRÁFICA.

Realização:

AIC
associação imagem comunitária